

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO

ANDERSON CLAYTON SANTANA DO NASCIMENTO

**DEUS, UM DELÍRIO? UMA ANÁLISE DA DOUTRINA NEOATEÍSTA DE
RICHARD DAWKINS ENQUANTO DOADORA DE SENTIDO PARA A VIDA**

Goiânia
2015

ANDERSON CLAYTON SANTANA DO NASCIMENTO

**DEUS, UM DELÍRIO? UMA ANÁLISE DA DOCTRINA NEOATEÍSTA DE
RICHARD DAWKINS ENQUANTO DOADORA DE SENTIDO PARA A VIDA**

Dissertação apresentada em cumprimento
às exigências do Curso de Mestrado do
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*
em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás.
Orientador Dr. Alberto da Silva Moreira

Goiânia
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Nascimento, Anderson Clayton Santana do.
N244d Deus, um delírio? uma análise da doutrina neoateísta de
Richard Dawkins enquanto doadora de sentido para a vida
[manuscrito] / Anderson Clayton Santana do Nascimento – 2015.
90f ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2015.
“Orientador: Prof. Dr. Alberto Moreira”.
Bibliografia.

1. Dawkins, Richard, 1941-. 2. Ateísmo. 2. Religião. I. Título.

CDU 299.2(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 02 DE MARÇO DE 2015 E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás (Presidente) Alberto Moreira

2) Dr. Paulo Rogério Rodrigues Passos / PUC Goiás (Membro) Paulo R.R. Passos

3) Dr. Marcos Aurélio Fernandes / UnB (Membro) Marcos Aurélio Fernandes

Aos meus pais Antonio Pereira de Santana e Marilene Santana do Nascimento
à minha querida Suzi Araujo da Rocha, ao meu filho João Victor Santana da Silva
aos meus irmãos Arley , Aline e Ana Vivian.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Dr. Alberto Moreira pela paciência e dedicação.
A todos os professores do PPGCR, que fizeram de mim uma pessoa melhor.
Aos colegas de curso que de certa forma foram também meus professores.

A chuva de Deuses cai sobre o túmulo de Deus que sobreviveu à sua própria morte.
Ateus têm seus santos e blasfemos constroem templos
(Leszek Kolakowski)

RESUMO

NASCIMENTO, Anderson Clayton Santana do. *Deus, um Delírio? Uma Análise da doutrina neoateísta de Richard Dawkins enquanto doadora de sentido para a vida*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, 2015

Deus, um delírio? A doutrina neoateísta de Richard Dawkins enquanto doadora de sentido para a vida é uma pesquisa que tem como objetivo analisar o pensamento de Richard Dawkins, condensado em sua obra principal o livro *Deus um delírio* para que seja possível verificar como funcionam os argumentos ali contidos e analisar a oferta de sentido que traz para substituir a religião enquanto doadora de sentido para a vida. A pesquisa foi feita através de uma revisão bibliográfica das obras do autor e de seus principais críticos. No primeiro capítulo foram investigados os pressupostos e as origens das ideias do pensamento ateísta de Dawkins. No segundo capítulo se faz uma análise mais pormenorizada das ideias de Dawkins. No terceiro capítulo o pensamento de Dawkins é analisado enquanto doutrina doadora de sentido para a vida humana. Foi constatado que Dawkins usa a o conhecimento científico fora de sua alçada para propagar uma doutrina liberalista.

Palavras-chave: Ateísmo, Dawkins, Doutrina, Neoateísmo, Religião

ABSTRACT

NASCIMENTO, Anderson Clayton Santana do. *God Delusion? An Analysis of The Newatheist doctrine of Richard Dawkins as a donor of meaning in life*. Dissertação mestrado (PUC -Goiás), Goiânia, 2015

God Delusion? The Newatheist Richard Dawkins doctrine as a donor for the meaning of life is a study that aims to analyze the thought of Richard Dawkins, condensed in his main work the book God Delusion so you can check how the arguments contained therein and analyze the offer of meaning which brings to replace religion as a donor of meaning in life. The research was done through a literature review of the works of the author and his main critics. In the first chapter we investigated the assumptions and the origins of the ideas of atheistic thought Dawkins. In the second chapter provides a more detailed analysis of Dawkins' ideas. In the third chapter the thought of Dawkins is considered as a donor doctrine of meaning to human life. It was found that Dawkins uses scientific knowledge outside of their jurisdiction to propagate a liberal doctrine.

Keywords: atheism, Dawkins, Doctrine, Newatheism, Religion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS E REFERÊNCIAS DAS IDEIAS DE RICHARD DAWKINS..	15
1.1 TEÍSMO E DEÍSMO.....	15
1.2 ATEÍSMO E AGNOSTICISMO	15
1.2.1 Pressupostos históricos do ateísmo.....	17
1.2.2 Contribuições Iluministas ao Ateísmo.....	19
1.2.3 David Hume.....	20
1.2.4 Barão de Holbach.....	22
1.2.5 O Positivismo.....	23
1.2.6 Bertrand Russell.....	23
1.2.7 Charles Darwin.....	25
1.3 NEOATEÍSMO.....	27
1.4 RICHARD DAWKINS O AUTOR DE “DEUS UM DELÍRIO”.....	29
1.4.1 A obra de Richard Dawkins.....	31
1.4.2 O Gene Egoísta.....	31
1.4.3 O Relojoeiro Cego.....	32
1.4.4 Desvendando o Arco-Íris.....	32
1.4.5 Deus um Delírio. Visão Geral da Obra.....	33
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRINCIPAIS IDEIAS ANTITEÍSTAS EM <i>DEUS UM DELÍRIO</i>	35
2.1 O QUE É ATEÍSMO, PARA DAWKINS E AS POSSIBILIDADES DE JUÍZOS HUMANOS ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	36
2.2 CONCEPÇÃO DE DEUS E ARGUMENTOS ANTITEÍSTAS.....	38
2.2.1 O Problema da Concepção de Deus em Dawkins.....	38
2.2.2 A Crítica ao Deus Moderno.....	40
2.3 CRÍTICA AOS ARGUMENTOS DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.....	41

2.4 CRÍTICA AO PRINCÍPIO ANTRÓPICO, UMA VARIANTE DO ARGUMENTO DO DESIGN.....	46
2.5 COMPLEXIDADE IRREDUTÍVEL DE DEUS.....	47
2.6 O PRINCIPAL ARGUMENTO, SEGUNDO DAWKINS, CONTRA A IDEIA DE QUE EXISTE UM DEUS.....	49
2.7 CRÍTICA AO ARGUMENTO ONTOLÓGICO DE SANTO ANSELMO.....	51
2.8 CRÍTICA AO ARGUMENTO DA BELEZA.....	52
2.9 ARGUMENTO DA “EXPERIÊNCIA PESSOAL”	52
2.10 O ARGUMENTO DAS ESCRITURAS.....	53
2.11 CRÍTICAS À RELIGIÃO E SUA AUTORIDADE.....	55
2.12 CRÍTICA À SEPARAÇÃO ENTRE OS MAGISTÉRIOS DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO.....	58
3 O ATEÍSMO DE DAWKINS ENQUANTO DOADOR DE SENTIDO.....	61
3.1 A RELIGIÃO E A DOAÇÃO DE SENTIDO PARA A VIDA.....	61
3.2 DOAÇÃO DE SENTIDO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL MODERNA.....	62
3.3 PONTOS PRINCIPAIS DOUTRINA DE DAWKINS.....	65
3.3.1 Hedonismo.....	65
3.3.2 Intolerância à Religião e aos Religiosos.....	69
3.3.3. Idolatria da ciência.....	71
3.3.4 Progresso Científico e Progresso Humano.....	72
3.3.5 Moral Laica.....	73
3.3.6 Substituição da Mitologia e do Sagrado Religiosos por uma “Mitologia Científica”.....	76
3.3.7 Militância Atéia e a Conversão ao Ateísmo.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

O ateísmo pode ser definido como a crença de que não existem Deus ou deuses, nem sobrenatural ou uma realidade transcendental. Porém, o ateísmo é também um sistema de ideias, fundamentadas em um fisicalismo, que postula que tudo que existe é físico e fundamentado pelas leis físicas. O ateísmo entendido como um sistema de ideias surge no século XVIII, mas tem raízes em ideias foram fermentadas desde a antiguidade. Tal ateísmo se nutria da negação da religião e especificamente do cristianismo.

A religião, que ditava os valores a serem seguidos pela sociedade, sofre na modernidade, uma perda da autoridade que tinha. Um esvaziamento de seu valor simbólico. Passa a não mais ser vista como a única fornecedora de sentido para a vida humana. É vista como uma possibilidade de sentido.

Existe em nossa sociedade uma pluralidade de formas religiosas, comunidades e movimentos. Ao mesmo tempo existem doutrinas seculares que se oferecem como fornecedoras de sentido para a vida.

Um movimento ideológico ateuista que chama muito a atenção é denominado *Neoteísmo*. Este movimento tem influência dos ateísmos anteriores, mas não tem o mesmo rigor intelectual. O interesse dos neoteus não é exatamente estabelecer um debate filosófico ou teológico consistente, mas sim um combate às religiões e a toda forma de teísmo. Eles entendem que a religião é perniciosa à humanidade. Entendem os mitos como crenças sem fundamento científico. Para eles a ciência é o único meio que dá acesso ao conhecimento da verdade.

Para atingirem seus objetivos os neoteus se utilizam de slogans e campanhas publicitárias. O discurso neoteuista é voltado para o grande. Dentre os autores denominados neoteus estão Christopher Hitchens, Sam Harris, Daniel Dennet e Richard Dawkins.

O mais proeminente deles é Richard Dawkins, biólogo britânico, que publicou em 2006 um livro que foi o Best-seller daquele ano. Este livro foi *God*

Desilusion no Brasil foi publicado com o título *Deus um delírio*. Apesar de o livro tratar de uma crítica direta à crença em Deus e à Religião, foi um *Best Seller* em

alguns momentos até mais vendido do que a própria Bíblia, segundo o jornal inglês *The Guardian*¹. Em 2007 Richard Dawkins, foi considerado pela revista *Time* um dos pensadores mais influentes do mundo naquele ano. Dawkins é um ateu militante apesar de se considerar um divulgador do conhecimento científico. Participa frequentemente de debates e de várias manifestações pelo fim das religiões e promoção das ideias ateístas e antiteístas. Segundo a revista *Veja*, publicada no dia 8 de julho de 2009², Dawkins participou de uma campanha denominada *atheist bus*. Esta campanha consistia em uma divulgação das ideias ateístas por meio de slogans em ônibus de Londres e de outras capitais do mundo. Em uma das faixas poderíamos ler: “*There is probably no god. Now stop worryng and enjoy your life*” que significa em português “provavelmente não há Deus. Agora pare de se preocupar e aproveite sua vida”.

Minha leitura de *Deus um delírio* me fez perceber que o livro não tem caráter científico, teológico e muito menos filosófico de peso. Pareceu-me uma doutrina que se utiliza de postulados científicos e filosóficos para criticar o poder da religião e tomar o lugar dela. O texto tem um caráter de obra missionária.

O que me motivou a fazer esta pesquisa foi justamente a curiosidade em relação ao poder da argumentação de Dawkins em seu livro. O contato com o texto de Dawkins me levou a questionar se esta doutrina ateísta teria consistência de doação de sentido capaz de suplantar a religião. Seria possível dizer que o Dawkins sugere em seu livro satisfaz os anseios da sociedade contemporânea?

Este trabalho se pauta na importância de compreendermos melhor o papel da religião dentro da modernidade e pensarmos o seu futuro. A compreensão do funcionamento da sociedade contemporânea passa principalmente pela discussão sobre o futuro da produção de sentido para a vida.

O objetivo desta pesquisa é mostrar e discutir o éthos do neoteísmo, ou seja, os valores e o sentido para a vida que Dawkins sugere para o lugar da religião em seu livro *Deus um delírio*. Para alcançar este objetivo foi preciso pesquisar as origens da argumentação de Dawkins no texto de *Deus um delírio*; elencar as

¹ <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/aug/12/religion.books>> acesso em 02/04/2013.

² <http://veja.abril.com.br/080709/embaxador-ciencia-p-142.shtml>> acesso em 02/04/2013.

influências que ele teve para constituir seu pensamento; verificar as inconsistências de sua argumentação.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a revisão bibliográfica, com análise de textos de Dawkins e dos filósofos e pensadores que também discutem as questões aludidas em *Deus um Delírio*. Também foram utilizadas algumas obras dos seguintes críticos de Dawkins: *Terry Eagleton, Karen Armstrong e Alisther Mcgrath*.

O primeiro capítulo tem o objetivo de mostrar os pressupostos e raízes das ideias de Dawkins em *Deus um delírio*. Neste capítulo mostramos os principais conceitos usados em nossa discussão, bem como uma breve história das origens das ideias ateístas que Dawkins se utiliza. Ao final, temos um comentário sobre a caminhada intelectual de Dawkins e sua obra.

No segundo capítulo é feita uma discussão dos principais argumentos ateístas e antiteístas que estão em *Deus um delírio*. Estes argumentos são defendidos por Dawkins como sendo os mais importantes para a refutação da hipótese de que Deus existe e para a crítica em relação à religião e a crença em Deus. Neste capítulo examinaremos a consistência destes argumentos.

No terceiro capítulo é feita uma análise da proposta de doação de sentido para a vida das pessoas e como substituto para a religião. Vamos analisar o ethos ateísta e o que nele tenta servir de substituto da religião.

Nas Considerações Finais, é feita uma síntese das conclusões a que esta pesquisa chegou, salientando as respostas que foram obtidas para as hipóteses.

1 PRESSUPOSTOS E REFERÊNCIAS DAS IDEIAS DE RICHARD DAWKINS

Para analisarmos o conteúdo de *Deus um Delírio* mencionaremos os pressupostos que serão úteis na contextualização da temática e na compreensão dos argumentos contidos na obra, identificaremos também que tipo de ateísmo Dawkins professa em seu livro comparado aos ateísmos produzidos no decorrer da história. Em um segundo momento, mencionaremos também informações sobre o autor e suas principais produções.

1.1 TEÍSMO E DEÍSMO

O Teísmo é a crença na existência de deuses ou de Deus, no caso do monoteísmo, e de que Ele se revelou aos homens e é causa primária e transcendental do universo. Já o Deísmo é um conceito redutor que se opõe ao cristianismo a partir do século XVIII, é quase sempre uma tese contrária à religião revelada e contrária às exigências cristãs em benefício do que podemos chamar de religião natural.

Dentro do movimento iluminista no século XVIII, o deísmo nasce como um enfrentamento da igreja no que se refere ao seu poder político. Para os deístas se Deus deu ao ser humano a razão não pode lhe impor uma revelação. O homem iluminado pela razão segue uma religião natural que exclui a revelação. (NEUSH,1987, p.144)

1.2 ATEÍSMO E AGNOSTICISMO

De acordo com a etimologia a palavra ateísmo : a – (privativo) e Theos (Deus) significa uma postura de negação da existência de Deus. Para Lecompte pode se negar Deus por uma doutrina, de maneira prática ou viver como se ele não existisse. (2000, p.21)

Para Julian Baggini o ateísmo pode ser definido simplesmente como uma crença de que não existe Deus ou deuses, nem sobrenatural ou uma realidade transcendental (2003,p.3). Apesar de poder ser definido como uma postura contrária ao teísmo, que é a crença na existência de um Deus, o ateísmo é também um sistema de ideias, na maior parte das vezes fundamentadas em um fisicalismo, que postula que tudo que existe é físico e fundamentado pelas leis físicas. Neste sentido,

o ateísmo não depende do teísmo para existir e surgiria mesmo que não houvesse o teísmo. (BAGGINI, 2003, p.9)

De acordo com o *Diccionario de las religiones*, no seu verbete sobre o ateísmo podemos encontrar distinções entre ateísmo relativo e absoluto. O relativo seria aquele em que se nega a existência de algum Deus específico. Um exemplo disso é a acusação que recaiu sobre cristãos primitivos ao negarem o panteão de Deuses dos romanos. Já o ateísmo absoluto seria o ato de negar toda e qualquer possibilidade de existência de qualquer Deus ou ser sobrenatural.(NEUSH,1987, p.141)

Podemos ainda segundo o mesmo dicionário conceber um ateísmo prático e outro teórico. Além disso, temos um ateísmo passivo e um ativo. O ateísmo prático se refere a atitude de viver como se Deus não existisse, não lhe outorgando qualquer papel na vida real. Já o ateísmo teórico é a atitude de não admitir que haja um ser que transcenda o mundo, nem como existente e nem como um problema suscetível de solução. O ateísmo passivo é uma negação de se pronunciar sobre o problema da existência de Deus. O ateu passivo evita colocar qualquer rigor intelectual na palavra Deus. O ateísmo ativo é aquele que é positivo e agressivo e se propõe vencer um combate contra a ideia de Deus, tentando construir uma antiteologia.(NEUSH,1987, p.141). Veremos adiante que Dawkins é antiteísta.

Agnosticismo é um termo de origem grega, sendo a junção do prefixo indicativo da negação "a" e o termo gnostikós, que é relativo ao conhecimento. Ou seja, significa impossibilidade de conhecer.Os agnósticos consideram vã qualquer metafísica e qualquer ideologia religiosa, uma vez que alguns desses preceitos ou ideologias não podem ser comprovados empiricamente. O positivismo de Auguste Comte, influência de Dawkins que trataremos adiante, pode ser considerado um exemplo de filosofia agnóstica, já que não se pronuncia sobre nada daquilo que não pode ser comprovado empiricamente.

Portanto, o agnóstico é indiferente em relação à existência de Deus; não acredita, mas também não nega a existência de uma divindade, afirmando que o conhecimento humano não é capaz de obter dados racionais que provem a existência de entidades sobrenaturais. Veremos mais adiante que o agnosticismo é

duramente criticado por Dawkins e chamada de um ateísmo com falta de coragem de se assumir.

1.2.1 Pressupostos históricos do ateísmo

Mencionaremos agora alguns dos pensadores que representam algumas das referências na construção do que chamamos hoje de ateísmo e que influenciaram a constituição do pensamento de Richard Dawkins no seu livro *Deus um delírio*.

O ateísmo tal como conhecemos hoje parece ser consequência de diversos fatores, ou seja, não há exatamente um fundador e nem é possível datar exatamente o seu surgimento.

Podemos dizer que um dos fatores mais importantes para o surgimento do ateísmo foi o pensamento dos primeiros filósofos gregos denominados pré-socráticos. Alguns destes pensadores inauguraram uma nova forma de entender a natureza em si mesma, sem recorrer aos mitos que existiam na época. Quando Tales de Mileto (623-546 a.C.), um destes pensadores considerado o primeiro a inaugurar este novo olhar, propõe que a água é a matriz de tudo o que existe, diz que todas as coisas tem uma origem natural. (SOUSA,1978,p. 54) Para Nietzsche nesta afirmação de Tales está contida a afirmação de que: “Tudo é Um” e por isso ele é considerado o inaugurador da filosofia (NIETZSCHE,2002). Tal posicionamento foi o ponto de partida para os pensadores daquele tempo procurassem o princípio constitutivo da realidade denominada *arché*. Para Anaximandro (cerca de 610-547 a. C.) o princípio era o Apeíron ou o ilimitado. Para Anaxímedes (cerca de 596-525 a. C.) o Ar. Para Heráclito de Éfeso (cerca de 540-480 a. C.) era o fogo. Para Pitágoras (cerca de 570 a 500 a.C.) era o número. (NICOLA,2005,p. 23)

Tal olhar privilegiava a argumentação fundamentada em evidências e não mais a autoridade dos mitos. Se entendermos o ateísmo como um sistema de ideias invariavelmente ele começa com essa nova forma de pensar inaugurada pelos pré-socráticos. Mas não podemos dizer que eles eram ateus. (BAGGINI, 2003, p. 74)

Uma das grandes contribuições para o surgimento do ateísmo enquanto sistema de ideias foi a filosofia de Epicuro(341-270 a.C.), pensador grego que estava preocupado em encontrar o caminho para a felicidade verdadeira. Para ele o caminho para uma vida feliz está em não temer os deuses e nem a morte, já que os deuses existem, mas não interferem na vida humana e a morte é o fim de toda sensibilidade e aniquilação do espírito humano. (LECOMPTE, 2000, p. 36). Epicuro é considerado um hedonista por considerar que a felicidade está na sensação de prazer que a vida pode nos proporcionar. Longe do que o senso comum pode pensar tal prazer é ligado à alma e não ao corpo, já que os prazeres do corpo podem causar enormes sofrimentos relacionados à dependência deles. Veremos adiante que Dawkins propõe uma moral hedonista, mas não nestes termos.

Epicuro, assim como o filósofo atomista Demócrito, acreditava que os átomos que formam o ser humano se encontram acidentalmente e se separam acidentalmente. A alma humana, também composta de átomos, é aniquilada junto com o corpo quando esta morre. Portanto a morte é encontro com o nada e por isso não há o que temer. (LECOMPTE, 2000, p. 37).

É importante ressaltar que Epicuro não afirma a inexistência do sobrenatural e nem sua filosofia quer acabar com o sentimento religioso por meio de ideias fisicalistas. O referido sentimento religioso deriva do pasmo diante da vida.

A filosofia também nasce deste espanto diante da existência de tudo. Parmênides em seu poema “ Da natureza” (SOUSA,1978,p. 54) exclamava “ que haja alguma coisa e isso é espantoso”. Além disso, existe o espanto diante do fato de que tudo que existe apresente uma ordem, ou seja, a natureza funciona harmoniosamente. Existe no universo ordem ao invés de caos. Música ao invés de ruído.

A crítica que Epicuro faz às religiões é a maneira supersticiosa pela qual elas encaram a ação dos deuses, fazendo com que as pessoas se encham de temor e impossibilitando o encontro com a verdadeira felicidade.

A herança de Epicuro foi fecunda dentro do império romano na antiguidade e certamente entrou em choque com as ideias judaico-cristãs que vão dominar o

império em sua decadência, principalmente a ideia da não intervenção dos deuses na vida humana.

Interessa-nos neste momento as ideias ateístas geradas durante o século XVIII pois nelas estão grande parte das origens dos argumentos de Richard Dawkins em seu livro.

1.2.2 Contribuições Iluministas ao Ateísmo

No século XVIII há um predomínio do racionalismo na Europa e uma crença forte de que a razão era o principal instrumento para que o ser humano pudesse enfrentar os problemas que o rodeavam.

Paralelamente, o capitalismo e a conseqüente revolução industrial fazem com que haja uma valorização grande das ciências como a química, a física e a matemática, pois estas seriam o motor do aumento da produção. Fortalece-se também o mito do progresso por meio da ciência, ou seja, a crença de que a evolução de técnicas e do entendimento científico da vida resultam necessariamente no progresso humano. A razão passa a ser entendida como o único caminho para o conhecimento verdadeiro. Tudo isso culmina no movimento cultural que será denominado Iluminismo, Ilustração ou Filosofia das Luzes. Tal movimento, que não foi coeso e uniforme, tinha como traço comum a busca pelo convencimento racional. A razão não era o cofre da alma onde se guardavam verdades eternas, mas era a força espiritual, a energia capaz de nos conduzir ao caminho da verdade. (CASSIRER, 1963, p. 21).

Segundo Fortes há um predomínio no estudo da natureza e do ser humano; a atenção destes intelectuais volta-se para o mundo concreto e ao estudo do ser humano dentro deste mundo. Os estudos históricos ganham expressão e se percebe que os conhecimentos adquiridos no passado podem ser colocados a serviço do bem estar social. Há também um entusiasmo pelas novas descobertas e uma crença do ideal de progresso. (1981, p. 20)

Um pensador que ficou conhecido como o precursor do movimento iluminista foi François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire(1696-1778). Ele foi um severo crítico da intolerância religiosa e para ele os cristãos pretendiam que sua religião fosse dominante e que a toda sociedade fosse cristã. Assim necessariamente, tornaram-se inimigos dos não cristãos, pelo menos enquanto não fossem convertidos.

Para Voltaire o cristianismo foi o culpado pela intolerância que vigorou na Europa de sua época. A partir do momento em que o cristianismo se separa claramente do judaísmo sendo influenciado pela filosofia platônica, seu corpo de ideias começa a se impor e a servir aos interesses políticos. Apesar de ter havido sempre conflitos internos, a igreja neste momento se apresenta como una e promove perseguições aos que não eram cristãos. O resultado disso é devastador. O único remédio, para Voltaire, é o ideal de tolerância religiosa.

As críticas que Dawkins faz ao cristianismo derivam em parte do trabalho de Voltaire e dos pensadores iluministas. Porém, Dawkins não partilha das ideias sobre a tolerância, ou seja, a convivência pacífica com o pensamento divergente, pois só concebe o pensamento científico como verdadeiro. Voltaremos a este ponto.

1.2.3 David Hume

Um dos filósofos deste período que é uma das influencias de Richard Dawkins é David Hume(1711-1776) filósofo escocês que se dedicou também à política e à diplomacia. A filosofia de Hume é classificada como parte do chamado Empirismo³ inglês. É um pensador que levou às últimas consequências o projeto filosófico empirista de não admitir hipóteses que não possam ser experimentadas pelos sentidos.

Segundo Hume, em sua obra *Investigação sobre o entendimento humano* todos os conteúdos da consciência, constituem percepções. Estas se subdividem

³ Corrente filosófica que afirma que o conhecimento humano é totalmente gerado pela experiência sensível externa ou interna.

em: impressões, que são percepções mais vivas; e ideias ou pensamentos, que são percepções mais fracas que as impressões, pois são cópias destas. Um exemplo disso é quando sentimos calor e nos recordamos depois desta sensação. Percebemos que a lembrança do calor é sempre mais fraca que a sensação dele.

Para Hume todas as nossas ideias se originam nas sensações. Mesmo as que não passam pelos sentidos vieram da combinação de ideias que não passaram pelos sentidos. Podemos imaginar um cavalo com cabeça de homem porque temos a experiência tanto de ter visto um homem quanto de ter visto um cavalo, mas não está em nosso poder dizer que este animal existe.

Hume pensava que não há argumento lógico para dizer que realmente existem as relações de causalidade que pensamos existir entre os fatos do mundo. O que observamos é uma sucessão de fatos, mas não há prova lógica de haja um princípio de causalidade entre eles. A impressão de que existem relações de causa e efeito é gerada pelo hábito. Quando há observação de fatos semelhantes por repetidas vezes pensamos haver uma relação de causa e efeito entre estes fatos. Portanto associamos por hábito o calor ao fogo ou o peso à solidez. Esta ideia será usada por Dawkins para contrapor qualquer fato inexplicável à existência de um Deus. Mas voltaremos a este ponto mais adiante.

Neste ponto é interessante notar que apesar de Dawkins contar com Hume como uma referência, não atenta para o fato de que o próprio Hume questionava também as bases da ciência moderna que postulava leis com base no crivo da razão científica, assim como faz Dawkins com a teoria da evolução. Outro fato que certamente seria criticado por Hume é a atitude de postular a teoria da evolução como capaz de fornecer argumentos contrários à existência de Deus. Mais adiante investigaremos mais este ponto.

No texto dos *Diálogos* Hume discute a questão do argumento do desígnio, aqui chamado argumento do *design*, que preconiza que a ordem do universo seria uma evidência de um projetista que a criou. Hume supõe que uma possibilidade de refutação deste argumento seria considerar que tudo o que acontece com a matéria seria causado pela própria matéria e que, portanto, como esta ação não foi planejada, poderíamos dizer que num primeiro momento houvesse um movimento desorganizado e esse caos seria seguido por um movimento que o ordenasse.

Neste sentido, para o filósofo Daniel Dennet (1998, p. 26), Hume adiantou Charles Darwin no fundamento de sua teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural, dispensando a presença de um projetista. Para Dawkins, Hume liquidou o argumento do *design* e forneceu uma explicação plausível para a estabilidade no universo. (HUME,1992). Voltaremos também a esta questão adiante.

1.2.4 Barão de Holbach

Paul Henri Dietrich, o Barão de Holbach (1723-1771), é considerado por muitos o primeiro a sistematizar o ateísmo. Para Baggini o ateísmo nasce de forma sistemática dentro do livro *O Sistema da Natureza* escrito pelo Barão (2003,p.78). Esta obra é considerada uma espécie de bíblia do materialismo.

Holbach radicaliza um empirismo e compõe um materialismo ateu e absoluto. Tem uma grande preocupação em sistematizar de forma lógica e coerente o sistema das leis da natureza e da moral. Há em seu pensamento um ateísmo anticristão e um anticlericalismo forte que se utiliza do materialismo radical como sustentação argumentativa. Ele critica ferozmente a agressividade dos cristãos e a moral de um deus que mata seu próprio filho e constantemente se vinga de seu povo. Vê o cristianismo como uma trapaça orquestrada pelos clérigos. Não se trata em nenhum momento de seu pensamento de um ateísmo pacífico. O barão se utiliza de expressões agressivas para caracterizar seu sentimento de luta contra o cristianismo. Ele se empenha em colocar no lugar dele um ateísmo.

Para Holbach, assim como para Dawkins, Deus só pode ser concebido como um evento físico. Para Holbach se pudéssemos supor

por um instante que seja impossível conceber o universo sem um artífice que o tenha formado e que zele pela sua obra, onde colocaremos esse artífice? Será dentro ou fora do universo? Ele será matéria ou movimento? Ou então será apenas o espaço, o nada ou o vazio? Em todos esses casos, ou ele não seria nada ou estaria contido na natureza e submetido às suas leis. Se ele está na natureza, não posso ver nela senão a matéria em movimento, e devo concluir disso que o agente que a move é corporal e material e que, por conseguinte, ele está sujeito a se dissolver. Se esse agente está fora da natureza, não tenho mais nenhuma ideia do lugar que ele ocupa, nem de um ser imaterial nem da maneira como um espírito sem extensão pode agir sobre a matéria da qual ele está separado. (HOLBACH, 2003, p.592)

1.2.5 O Positivismo

Os iluministas constituíram o contexto pelo qual surge no século XVIII o positivismo. O fundador do positivismo foi Auguste Comte. Comte propõe em sua obra *Discurso sobre o espírito positivo* desenvolver uma filosofia com base na realidade, certeza, precisão e organização. A filosofia de Comte é marcada pelo culto à ciência e pela sacralização do método científico. Veremos adiante que Dawkins também tem esta mesma relação com a ciência e com o método.

De acordo com Comte, o método positivo de investigação tem por objetivo a pesquisa das leis gerais que regem os fenômenos naturais. Neste sentido o positivismo se diferencia do empirismo de Hume, porque não reduz o conhecimento científico a mera observação de fatos. Os positivistas têm como objetivo a elaboração de leis gerais. Tais leis seriam a base para a transformação da sociedade, ou seja, estariam na base do progresso social. As transformações impulsionadas pelas descobertas científicas visariam o progresso e este estaria subordinado à ordem.(COMTE,1978)

1.2.6 Bertrand Russell

Outro filósofo que exerceu grande influência sobre Dawkins é o britânico Bertrand Russell, filósofo e matemático. Russell é um pioneiro da filosofia analítica tem uma obra extensa, mas sua contribuição mais famosa é dentro da lógica matemática e da filosofia analítica. Fortemente influenciado por David Hume, Russell conjuga a lógica e o empirismo em um sistema que chamou de atomismo lógico. Para ele o pensamento seria composto por proposições atômicas simples e proposições complexas que serão formadas por estas primeiras. Todas estas proposições tem como base a experiência. Russell acreditava que os problemas filosóficos eram problemas de linguagem. É muito difícil enunciar um problema filosófico de tal modo que se possa permitir uma solução deste problema (AYER,1972)

O posicionamento cético de Russell em relação à existência de Deus é conhecido através de uma conferência intitulada “ Por quê não sou cristão” onde Russell examina alguns dos principais argumentos usados para defender a existência de Deus. Nesta conferência ele mostra que todos estes argumentos seriam falaciosos e inconsistentes. (RUSSELL,2008)Ele considera que o argumento segundo o qual a existência de leis naturais implica necessariamente a existência de um legislador está apoiada em uma confusão elementar entre o conceito jurídico de lei, corpo de regras estabelecidas por uma autoridade e o conceito científico de lei, que é uma descrição daquilo que ocorre dentro da natureza. Se olharmos para a física moderna perceberemos que as leis na natureza tem caráter estatístico, ou seja, são eventos prováveis.O argumento da causa primeira, usado na idade média por Santo Tomás de Aquino(1221-1274) de quem falaremos mais tarde, parte de um pressuposto de que é certo que há uma causa universal e termina postulando uma causa não causada.

Outro argumento que Russell discute e que também é tratado por Dawkins em *Deus um delírio* é a analogia do mundo a um relógio. Ou seja, se há um relógio existe também um relojoeiro, portanto, se no mundo há ordem quem está por detrás da ordem é Deus. Para Russell não é possível comparar o mundo a um objeto manufaturado , no caso um relógio, para concluir daí que o universo tem um criador. Portanto, a analogia usada neste argumento é falsa. Basta ter acesso à astronomia recente para entender que não pode haver comparação entre o universo e um relógio. O universo passou por estágios longos até que a Terra pudesse ser como é hoje e existem evidências de que esteja em processo de dissolução.Portanto Russell não vê qualquer motivo para se acreditar em um Deus.(AYER,1978,p.129)

No debate com o padre Copleston discutiu o argumento da contingência. Se nada no mundo encerra a razão de sua própria existência, há de existir um ser necessário, Russell contra-argumenta, dizendo que não se pode falar de necessidade em relação a objetos e sim somente em relação a proposições. E, portanto, tal fato não decorre da experiência mas sim de uma analogia que é foi feita por nós.

Russell, assim como Dawkins, faz críticas pesadas ao cristianismo, com base na história das atrocidades por ele cometidas, como a perseguição e assassinato

daqueles que foram tidos como hereges, bruxas, aos judeus e aos livres-pensadores. Para ele “A afirmação de que o cristianismo deve uma influencia moral enobrecedora só pode ser sustentada com base em total desconhecimento ou falsificação da evidência histórica” (RUSSELL,2008 p.146). Tal posição assim como a de Dawkins é injusta, já que exclui a contribuição dada por muitos cristãos na vida concreta em relação ao significado moral do amor ao próximo que tanto influenciou os direitos humanos e outros aspectos da sociedade ocidental.

Para Russell, a vida após a morte só poderia ser possível se as leis que regem a psicologia ocorressem separadas das leis da física. Como não existem evidências deste fato há uma forte evidência de que todos os estados mentais são casualmente dependentes dos estados corporais, ou seja, os eventos psíquicos estão sempre relacionados com os físicos, portanto é altamente improvável que a consciência sobreviva ao corpo. (AYER,1978,p.133)

1.2.7 Charles Darwin

A argumentação de Dawkins gira em torno da teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural atribuída a Charles Darwin. Esta teoria serviu de base tanto para os estudos científicos de Dawkins como também para a argumentação principal em relação à refutação do que ele chama de argumento do *design*, ou seja, a ordem natural enquanto evidência da existência de Deus. Devido a importância de Darwin discorreremos um pouco sobre sua origem.

Charles Robert Darwin nasceu em 1809 em Shrewsbury na Inglaterra. Sua família era tradicionalmente ligada a pesquisa em ciências naturais. Formou-se em Medicina em Edimburgo em 1827, e em Teologia em Cambridge em 1831. Darwin sempre se interessou muito por botânica e neste mesmo ano de 1831 embarcou em sua famosa viagem de 5 anos a bordo do “Beagle”. Tal viagem marcaria para sempre sua vida e sua formação.(DARWIN,1996,p.10)

Entre 1832 e 1844, Charles Darwin esboçou sua teoria da evolução por meios de seleção natural como uma explicação para a adaptação e especiação. Ele definiu

a seleção natural como um "princípio no qual cada pequena variação [ou característica], se benéfica, é preservada". (DARWIN,1985,p.78) O conceito era simples mas poderoso: indivíduos mais aptos ao ambiente têm mais chances de sobreviver e reproduzir-se¹⁷ E enquanto existir algum tipo de variação entre eles, ocorrerá uma inevitável seleção de indivíduos com as variações mais vantajosas.

Se as variações são hereditárias, um diferencial no sucesso reprodutivo irá acarretar uma evolução progressiva de uma dada população particular de uma espécie, e populações que evoluem ficando suficientemente diferentes, podendo acabar se tornando espécies diferentes. Esta seria, portanto a origem de todas as espécies de seres vivos.

Uma vez que a teoria foi formulada, Darwin foi meticuloso em arregimentar e refinar evidências, compartilhando suas ideias somente com poucos amigos; ele foi inspirado a publicar suas ideias depois que o jovem naturalista Alfred Russel Wallace concebeu independentemente o princípio (de seleção natural) e o descreveu em uma carta para Darwin. Com base em um relato mais detalhado de suas evidências e conclusões em seu *A Origem das Espécies* de 1859.

Curiosamente, Darwin e Wallace encontraram suas inspirações na Economia. Um pastor inglês chamado Thomas Malthus publicou um livro em 1797, chamado *Essay on the Principle of Population (Ensaio sobre o Princípio da População)*, no qual ele alerta seus colegas ingleses que a maioria das políticas concebidas para auxiliar os pobres estava condenada, devido à implacável pressão do crescimento populacional. Uma nação pode facilmente dobrar sua população em algumas décadas, levando todos à miséria e fome.

Quando Darwin e Wallace leram Malthus, lhes ocorreu que tanto os animais quanto as plantas também poderiam sofrer essa pressão populacional. Deve levar muito pouco tempo para o mundo estar coberto de besouros ou minhocas. Entretanto o mundo não está infestado deles, nem de outra espécie, porque eles não são capazes de se reproduzir com seu potencial completo. Muitos morrem antes de se tornarem adultos. Eles são vulneráveis a secas e invernos rigorosos entre outras agressões ambientais. Além disso, sua reserva alimentar, como a de uma

nação, não é infinita. Portanto, indivíduos precisam competir, mesmo inconscientemente, pelo pouco de comida que há.(DARWIN,1996,p.11)

O livro de Darwin foi um sucesso imediato assumindo uma postura heroica dentro da academia. Apesar de que a popularização e o sucesso de suas ideias podem não ter sido inteiramente científicas. Segundo o professor Nildo Viana, o sucesso da teoria da evolução se deve ao fato de ser uma expressão ideológica da sociedade capitalista e por isso seria mais facilmente aceita tanto na comunidade científica quanto pela população em geral (VIANA,2003,p.85)

Existe também o fato de que desde as épocas vitorianas já se constituía um mito do progresso que preparou a sociedade para aceitação de uma teoria da evolução biológica. (ELDRENG e TATTERSALL, p.10) Para Dawkins a teoria de Darwin não é somente uma teoria científica mas sim a chave para o enigma do mundo. A evolução é para ele um fato assim como os mitos para os religiosos. É interessante observar que mesmo o próprio Darwin, em seu diário de viagem, alertava para as compreensões apressadas, já que existe uma “constante tendência de preencher grandes lacunas do conhecimento com hipóteses superficiais e imprecisas” (DARWIN, 1971, p.132) Voltaremos a isso mais adiante.

A teoria de Darwin além de revolucionar a biologia, forneceu uma possibilidade de compreensão da harmonia da natureza sem a necessidade de Deus, mesmo não tendo qualquer intenção explícita de defender uma postura antiteológica. Além disso, permitiu relativizar a linha divisória entre o homem e o animal. Veremos a seguir como Dawkins se utiliza da teoria da evolução para sustentar suas ideias.

1.3 NEOATEÍSMO

O Neoteísmo é um movimento intelectual contemporâneo que tem influência dos ateísmos anteriores, mas não tem o mesmo rigor intelectual. Isso porque o interesse dos neoteus não é exatamente estabelecer um debate filosófico ou teológico consistente, mas pregar a ideia de que a religião ou qualquer crença no

sobrenatural são coisas perniciosas para a humanidade. Para atingirem seus objetivos os neoateus se utilizam de slogans e campanhas publicitárias. Sua mensagem é voltada à comunicação de massa.

O discurso dos neoateus é inflamado, ofensivo e irônico. Os livros deles usam uma linguagem bem simples. Também há uma simplificação muito grande dos temas por eles abordados. Os principais representantes do Neoateísmo são o biólogo Richard Dawkins, o neurocientista Sam Harris, o filósofo Daniel Dennet e o jornalista Christopher Hitchens.

Os livros produzidos pelos neoateus foram, em geral, *Best-sellers* e contam com um número muito elevado de *downloads* na internet. Estes livros não são destinados a especialistas em filosofia e teologia. São endereçados ao grande público. Para Dawkins, se *Deus um delírio* fosse um livro intelectualmente consistente não venderia o quanto vendeu.

Best-seller-surpresa? Se eu tivesse me embrenhado, como um crítico intelectual consciente gostaria, nas diferenças epistemológicas entre Aquino e Duns Scotus; se tivesse feito jus a Erígena na questão da subjetividade, a Rahner na da graça ou a Moltmann na da esperança (como ele esperou em vão que eu fizesse), meu livro teria sido mais que um best-seller- surpresa: teria sido um best-seller milagroso. (DAWKINS,p.12,2007)

Uma das coisas que diferenciam os neoateus dos ateus tradicionais é a militância. Existem campanhas de propagação do ateísmo por meio de slogans e campanhas publicitárias feitas por eles. Além disso, são promovidas de manifestações públicas e debates com a finalidade de propagar as ideias ateístas que os neoateus defendem.

Diferentemente de ateus como Russell que foi extremamente diplomático em seu debate com o padre Compton no texto *Por que não sou cristão*. Os neoateus não são nem um pouco diplomáticos e nem um pouco delicados para tratar com seus opositores.

As críticas dos neoateus se concentram no Deus dos fundamentalismos religiosos. Para os neoateus o fundamentalismo constitui a essência de toda religião. Por esse motivo a crítica feita deles mostra-se fraca, uma vez que o fundamentalismo é uma forma de fé que deturpa as tradições religiosas. A popularidade dos livros escritos por neoateístas pode indicar uma dificuldade de

compreensão do papel da religião e da noção do Deus moderno por parte da população .(ARMSTRONG, 2011, p.16)

1.4 RICHARD DAWKINS O AUTOR DE “DEUS UM DELÍRIO”

Para que possamos compreender as ideias contidas no livro de Richard Dawkins, são necessárias algumas informações preliminares. Faremos a seguir uma breve contextualização do livro “*Deus um delírio*”, trazendo informações sobre o autor, suas outras obras e como o livro em questão se insere dentro do conjunto da obra do autor. Depois disso serão analisadas as ideias e autores que serviram de base para a composição da argumentação do livro.

As informações deste tópico foram encontradas no site oficial⁴ de Richard Dawkins e também no seu curriculum vitae⁵

Clinton Richard Dawkins nasceu em Nairóbi no Quênia, país da África, em 26 de março de 1941, na época em que seu pai Clinton Jonh Dawkins(1915-2010) foi convocado para servir o exército na segunda guerra mundial em Nairóbi e levou secretamente a esposa. Richard Dawkins é etólogo e biólogo evolutivo. Foi professor para a compreensão pública da ciência na universidade de Oxford na Inglaterra.

Dawkins teve uma infância normal e uma educação religiosa anglicana seus pais eram entusiastas das ciências naturais e respondiam às suas perguntas em termos científicos, nunca míticos. Dawkins seguiu a doutrina cristã dentro da igreja anglicana e chegou a ser crismado. Na adolescência diz ter concluído que a teoria da evolução é uma explicação melhor para a complexidade da vida e a partir de então deixou de acreditar em um deus.

Entre 1954 e 1959, ele frequentou a Oundle School, uma escola pública inglesa com notória tendência para a Igreja da Inglaterra, Estudou zoologia no Balliol College, Oxford, graduando-se em 1962. Durante a graduação foi orientado pelo etólogo ganhador do Prêmio Nobel Nikolaas Tinbergen.

⁴ <http://richarddawkins.net/articles/4757-brief-scientific-autobiography> acessado em 20 de abril de 2013

⁵ <http://web.archive.org/web/20080423211133/http://www.simonyi.ox.ac.uk/dawkins/CV.shtml> acessado em 1 de outubro de 2014

Permaneceu como estudante de pesquisa sob a supervisão de Tinbergen, recebendo os graus de M.A. e Ph.D. em 1966 e depois disso manteve-se como assistente de pesquisa por mais um ano. Tinbergen foi pioneiro no estudo do comportamento animal, especialmente nas áreas de aprendizagem, instinto e escolha. A pesquisa de Dawkins neste período concebia modelos sobre a tomada de decisões por animais.

De 1967 a 1969, foi professor assistente de zoologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos. Voltou para a Universidade de Oxford em 1970, assumindo um cargo como professor. Em 1990, tornou-se um *reader* (grau acadêmico) em zoologia. No ano de 1995, foi nomeado para a Cátedra Simonyi para a Compreensão Pública da Ciência na Universidade de Oxford, uma posição que tinha sido criada por Charles Simonyi com a intenção expressa de que o premiado deveria fazer importantes contribuições para a compreensão pública de algum campo científico. Simonyi também expressou o desejo de que o primeiro titular da cátedra fosse Richard Dawkins.

Dawkins também atuou como editor de várias revistas e tem atuado como consultor editorial para a Enciclopédia Encarta e Enciclopédia da Evolução. É editor sênior do Conselho para o Humanismo Secular da revista *Free Inquiry*, para a qual também escreve uma coluna. Também é membro do conselho editorial da revista *Skeptic* desde a sua fundação.

Foi membro de comissões julgadoras de diversas premiações, como o Prêmio Michael Faraday, da Royal Society, e o British Academy Television Awards, além de ter sido presidente da seção de Ciências Biológicas da Associação Britânica para o Avanço da Ciência. Em 2004, o Balliol College, instituiu o Prêmio Dawkins, concedido pela "excelente pesquisa sobre a ecologia e o comportamento dos animais cujo bem-estar e sobrevivência pode estar ameaçada pelas atividades humanas". Em setembro de 2008, se aposentou de sua cátedra, anunciando planos de "escrever um livro destinado a jovens para avisá-los sobre os perigos de acreditar em contos de fadas 'anti-científicos'".

Dawkins ganhou destaque com o seu livro *O Gene Egoísta*, de 1976, que popularizou a visão da evolução centrada nos genes e introduziu o termo *meme* do qual falaremos adiante.

Richard Dawkins é vice-presidente da Associação Humanista Britânica e defensor do movimento *bright*, que visa propagar as ideias ateístas e contribuir para que o ateu tenha uma imagem melhor dentro da sociedade. Ele é bem conhecido por suas críticas ao criacionismo e ao *design* inteligente. E pelo *best seller Deus um delírio*, nosso objeto de pesquisa.

1.4.1 A obra de Richard Dawkins

Richard Dawkins tem uma extensa produção acadêmica e por isso vamos nos deter aqui com as obras cujo conteúdo nos ajudam a compreender a argumentação desenvolvida em “Deus um delírio”. Estas obras foram:

1.4.2 O Gene Egoísta

O primeiro livro de Dawkins que o tornou famoso se chama *The Selfish Gene* publicado pela Oxford University Press em 1976. No Brasil ele foi publicado com o nome *O Gene Egoísta*. O objetivo deste livro era condensar o enorme corpo teórico já produzido dentro da biologia para compreender como espécies surgem e se diversificam, como indivíduos se relacionam e colaboram entre si. Tudo isso por meio de uma visão da teoria da evolução centrada nos genes. Dawkins defende em *O Gene Egoísta* a ideia de que todo o organismo é apenas uma espécie de “máquina de sobrevivência” do gene⁶, cujo objetivo é a sua autorreplicação. Sendo assim, todo comportamento dos organismos tem como objetivo apenas a replicação do gene.

⁶ Gene é a unidade fundamental da hereditariedade. É uma sequência de nucleotídeos do DNA que pode ser transcrita em uma versão de RNA. O termo gene foi criado por Wilhem Ludvig Johannsen. Desde então, muitas definições de gene foram propostas. O gene é um segmento de um cromossomo a que corresponde um código distinto, uma informação para produzir uma determinada proteína ou controlar uma característica, por exemplo, a cor dos olhos.

Dawkins também propõe no mesmo texto que existe uma evolução cultural que funciona de forma análoga ao que acontece dentro da biologia. Segundo Dawkins existem ideias que agem como os genes dentro da biologia. Ele as chama de memes.

Este livro é importante dentro de nosso trabalho pois toca em questões filosóficas sobre a existência e o sentido da vida. Em “*Deus Um Delírio*” serão usados muitos argumentos deste texto. Voltaremos a eles adiante.

1.4.3 O Relojoeiro Cego

Outro livro importante dentro de sua obra é *The Blind Watchmaker*, publicado pela W. W. Norton & Company. Publicado no Brasil com o título *O Relojoeiro Cego* em 1986, o texto é uma crítica ao argumento que defende a evidência da existência de um criador sobrenatural baseada na complexidade dos organismos vivos e na harmonia da natureza. Os processos evolutivos responsáveis pela complexidade da natureza são descritos como análogos a um "relojoeiro cego". O texto traz uma argumentação que visa aliciar adeptos do pensamento científico e do modo de visão darwinista de ver a vida. Junto com isso temos a argumentação de que a ciência não é o oposto da poesia e mesmo dentro dela é possível enxergar a existência de maneira lírica. Tal ponto de vista em relação à ciência é tratado em *Deus um Delírio*.

1.4.4 Desvendando o Arco-Íris

Em *Unweaving the Rainbow* publicado em 1998 e publicada no Brasil com o título *Desvendando o Arco-Íris*, Dawkins volta a argumentar que a ciência não é apenas importante mas também excitante, interessante e bonita. Dawkins explica que não há necessidade de um ser divino para que a natureza seja percebida como inspiradora. Em *Deus um delírio* Dawkins também desenvolve esta ideia. A natureza em toda sua complexidade, causa em Dawkins o mesmo que Deus causa aos

religiosos, ou seja, a sensação da presença do sagrado. Voltaremos a este ponto mais adiante.

1.4.5 Deus um Delírio. Visão Geral da Obra

Esta obra que é o objeto central de nossa reflexão foi lançada em 2006 no Reino Unido e em 2007 no Brasil. Em sua versão brasileira a obra tem 528 páginas. Foi publicada pela Companhia das letras e traduzida do inglês por Fernanda Ravagnani. O livro foi *Best seller* do ano de 2006 no Reino Unido e fez com que Dawkins fosse considerado um dos homens mais influentes daquele ano⁷.

A obra é composta de 10 capítulos. Nos primeiros Dawkins trata do debate acerca da existência ou da não existência de Deus e refuta os argumentos que julga ser os principais na defesa da existência de Deus. Mais adiante faz críticas às religiões no que diz respeito à sua moralidade e à sua autoridade. O livro também é permeado por um convite a uma espécie de militância ateuista à qual voltaremos mais adiante.

Essencialmente o livro defende que a existência de Deus é altamente improvável e a crença nele é desnecessária. As teorias científicas, principalmente as da evolução e da seleção natural forneceram explicações bem mais plausíveis para o que pensamos serem as evidências da ação de Deus, um exemplo disso é a impressão de que existe no mundo um projeto, ou design inteligente que atesta a ação de um Deus.

Na obra, Dawkins argumenta que a religião não merece o respeito que tem e só perpetua seus valores porque estes são passados às crianças desde muito pequenas, momento em que são biologicamente “programadas” para acreditarem cegamente no que seus pais lhes dizem.

O livro também defende e estimula uma conversão ao ateísmo. Dawkins preconiza que é possível e desejável ser ateu e ao mesmo tempo feliz ponderado e realizado. Defende que os Ateus são pessoas mais inteligentes e mentalmente

⁷ <http://www.guardian.co.uk/uk/2007/aug/12/religion.books> acesso em 02/04/2013

saudáveis. Por isso eles tem que “sair do armário” e militar em favor da conversão de outras pessoas.

Já no prefácio Dawkins anuncia que o objetivo de seu livro é converter as pessoas. Se *Deus um delírio* funcionar como Dawkins pretende “os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando terminarem”(DAWKINS,2007,p. 29). Apesar disso ele admite também que não vai conseguir convencer aqueles que foram “contaminados” mais gravemente pela religião e pensa ter mais sucesso com os que são movidos pela inércia da vida e ainda não pensaram sobre isso. Como um profeta Dawkins convida a todos para despertarem para a sua verdade já que ser ateu

é uma coisa da qual se deve ter orgulho, encarando o horizonte de cabeça erguida, já que o ateísmo quase sempre indica uma independência de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável. Existem muitos que sabem, no fundo do coração, que são ateus, mas não se atrevem a admitir isso para suas famílias e, em alguns casos, nem para si mesmos.(DAWKINS,2007,p.27)

Até aqui podemos observar que o ateísmo não é apenas a não crença em um Deus ou deuses. Ele é na realidade, um conjunto de ideias. Um corpo teórico. Este corpo teórico surgiu dentro da história do pensamento humano devido a diversos fatores, mas vai aparecer de forma sistemática a partir do século XVIII. Pensadores como Voltaire, Hombach, Hume, Comte, Russell além de Charles Darwin são influências do pensamento de Dawkins.

O próximo capítulo aborda as principais ideias do livro *Deus um delírio*. Vamos apreciar cada um dos argumentos antiteístas e ateístas que Dawkins julga serem fortes para levar as pessoas à conversão ao ateísmo, bem como o que Dawkins mostra entender, no seu texto, sobre que seja ateísmo, religião e Deus.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRINCIPAIS IDEIAS ANTITEÍSTAS EM *DEUS UM DELÍRIO*

Neste momento passaremos a uma análise pormenorizada das principais ideias do livro *Deus um delírio* de Richard Dawkins. Faremos uma análise do que Dawkins entende por ateísmo e pelas diferentes posturas em relação a crença em Deus. Em seguida discutiremos os argumentos elencados em *Deus um Delírio* que refutam a possibilidade da existência de um Deus.

Assim como a maioria dos críticos da religião e da crença em Deus que tem pouca leitura sobre o assunto, Dawkins é extremamente apressado na rejeição da religião e tem uma noção equivocada sobre sua natureza e conceito (EAGLETON, 2011). Segundo Eagleton ele não domina os conhecimentos da discussão teológica avançada sobre Deus e demonstra não ter ideia do que vem a ser realmente uma religião.

Deus um delírio tem quatro propósitos principais: em primeiro lugar, convencer seus leitores de que ser ateu é uma opção realista, corajosa, esplêndida e digna de orgulho. Em segundo lugar, propagar a ideia de que as explicações naturalistas, principalmente a teoria darwinista melhoram a nossa compreensão do cosmos e são bem superiores às explicações místicas e religiosas. Em terceiro lugar defender a ideia de que rotular e inculcar a religião nas crianças é algo abusivo por parte de seus pais. Em quarto divulgar a ideia de que as religiões tem um caráter pernicioso e não merecem o respeito que tem.

O livro não se destina a debater somente a existência de Deus de forma acadêmica, mas principalmente convencer as pessoas a abandonarem a religião e militarem em favor do ateísmo. O livro é também uma tentativa de motivar o ateu não declarado para que o mesmo tome consciência de seu “dever” de propagar o ateísmo.

Faremos agora uma análise pormenorizada das principais ideias do livro bem como apreciações sobre o que ele defende.

2.1 O QUE É ATEÍSMO PARA DAWKINS E AS POSSIBILIDADES DE JUÍZOS HUMANOS ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS.

O texto de *Deus um delírio* de Dawkins explica que o ateu é considerado um indivíduo que corajosamente conseguiu se libertar das amarras da religião. Para Dawkins a opção pelo ateísmo indica uma independência de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável. Ser ateu para Dawkins implica necessariamente em ser naturalista. Um ateu é

Alguém que acredita que não há nada além do mundo natural e físico, nenhuma inteligência sobrenatural vagando por trás do universo observável, que não existe uma alma que sobrevive ao corpo e que não existem milagres – exceto no sentido de fenômenos naturais que não compreendemos ainda. Se houver alguma coisa que pareça estar além do mundo natural, conforme o entendemos hoje, esperamos no fim ser capazes de entendê-la, adota-la dentro da natureza. (DAWKINS,2007,p. 37)

Percebemos no decorrer do texto de *Deus um delírio* que a maneira pela qual Dawkins encara o ateísmo não é científica. Sua paixão ideológica fica explícita desde o começo. Para ele, o ateu não é somente aquele que assume uma postura de descrença, mas sim um tipo especial de ser humano que tem por dever ético “salvar” os demais.

Dawkins descreve 7(sete) marcos de possibilidades de juízos humanos acerca da existência de Deus que vão do teísta convicto ao ateu convicto

- 1 Teísta convicto. Probabilidade de 100% de que Deus existe. Nas palavras C. G. Jung, "Eu não acredito, eu sei".
- 2 Probabilidade muito alta, mas que não chega aos 100%. Teísta de fato. "Não tenho como saber com certeza, mas acredito fortemente em Deus e levo minha vida na pressuposição de que ele está lá."
- 3 Maior que 50%, mas não muito alta. Tecnicamente agnóstico, mas com uma tendência ao teísmo. "Tenho muitas incertezas, mas estou inclinado a acreditar em Deus."
- 4 Exatamente 50%. Agnóstico completamente imparcial. "A existência e a inexistência de Deus têm probabilidades exatamente iguais."
- 5 Inferior a 50%, mas não muito baixa. Tecnicamente agnóstico, mas com uma tendência ao ateísmo. "Não sei se Deus existe, mas estou inclinado a não acreditar."
- 6 Probabilidade muito baixa, mas que não chega a zero. Ateu de fato. "Não tenho como saber com certeza, mas acho que Deus é muito improvável e levo minha vida na pressuposição de que ele não está lá."
- 7 Ateu convicto. "Sei que Deus não existe, com a mesma convicção com que Jung 'sabe' que ele existe."(DAWKINS,2007 p. 79)

Dawkins afirma que a primeira e a última escala de convicções são incabíveis já que a razão não pode dar sozinha a certeza absoluta da existência ou não deste Deus. O próprio Dawkins situa sua convicção dentro da possibilidade de número 6(seis). Mas para ele a única forma de uma afirmação ter validade é quando são apresentadas evidências fortes de tal afirmação. Do contrário esta afirmação é nula. Para ele a religião faz afirmações sem evidências e que só são sustentadas por causa de sua autoridade. Em *Deus um delírio* existe uma citação de Bertrand Russell para exemplificar as afirmações religiosas. Russell diz que se afirmar que

entre a Terra e Marte há um bule de chá chinês rodando em torno do Sol numa órbita elíptica, ninguém seria capaz de contraprovar minha afirmação, desde que eu tenha tido o cuidado de acrescentar que o bule é pequeno demais para ser revelado até pelos nossos telescópios mais potentes. Mas, se eu prosseguisse dizendo que, como minha afirmação não pode ser contraprovada, é uma presunção intolerável por parte da razão humana duvidar dela, imediatamente achariam que eu estava falando maluquices. Se, porém, a existência do bule tivesse sido declarada em livros antigos, ensinada como a verdade sagrada todos os domingos e instilada na cabeça das crianças na escola, a hesitação em acreditar em sua existência se tornaria um traço de excentricidade e garantiria ao questionador o atendimento por psiquiatras numa era esclarecida ou por um inquisidor em eras anteriores. (DAWKINS p. 81)

É importante notar que Dawkins se intitula um ateu, quando na realidade o seu pensamento se concentra num antiteísmo, já que além de tentar provar a inexistência de Deus tenta combater o teísmo, ou seja, a crença na existência de um Deus enquanto ideia fundante das religiões.

Ora, se para o ateu não existe Deus não há o problema de Deus. Assim como para o teísta não há a vivência de Deus enquanto problema, pois o teísta acredita em Deus e, portanto não o vivencia como problema. Além disso, o crente sente como um contra senso o fato de sua fé ser a solução de um problema. Todos os dois hoje tendem a conceber Deus como um problema. (ZUBIRI, 2002, p.13). Com a chegada da modernidade constrói-se no ocidente uma cultura governada pela racionalidade científica e baseada economicamente na tecnologia. É neste momento que o método científico começa a se firmar como critério da verdade e único meio de se chegar a ela. E assim os teólogos começam a adotar os critérios das ciências para investigarem a fé e Deus. Estilo de pensamento que até então era estranho para os religiosos. Neste momento os cristãos começam a interpretar as escrituras bíblicas com uma literalidade nunca vista. (ARMSTRONG, 2011, p.15)

Para Dawkins apenas o olhar científico é o único meio possível de entendimento da realidade. Pesquisadores percebem que Dawkins é na verdade um fundamentalista, já que enfatiza uma ordem rigorosa de princípios do que vai compor sua doutrina. Dawkins tem uma convicção inabalável na ciência e nada do que for contrário a ela merece atenção (PAINE, 2010, p.9). Veremos que em nenhum momento Dawkins critica o método científico. Para ele aquilo que não é provável cientificamente é necessariamente uma crença cega (EAGLETON, 2011,p.17). Seu pensamento parte sempre da certeza de que a existência do que ele chama de Deus é um problema científico que só não é tratado assim por causa do respeito que a religião imerecido que a religião tem sobre si. Sobre este ponto nos deteremos mais adiante.

2.2 CONCEPÇÃO DE DEUS E ARGUMENTOS ANTITEÍSTAS

2.2.1 O Problema da Concepção de Deus em Dawkins

A concepção de Deus que Dawkins combate e que diz ser um delírio pernicioso carece de aprofundamento teórico. Em seu livro Dawkins diz que Deus é “uma inteligência sobre-humana e sobrenatural que projetou e criou deliberadamente o universo e tudo o que há nele incluindo nós.” O que para ele é a concepção de Deus mais defensável que existe. (DAWKINS, 2007, p.56). No decorrer do texto ele vai combater também o aspecto intervencionista de Deus, ou seja, a crença de que Deus atende a preces e exerce suas vontades. Voltaremos a esse ponto.

Dawkins tem razão ao dizer que esta concepção de Deus, que ele combate, ou seja, Deus enquanto inteligência que comanda o mundo não é provável cientificamente. Para que algo seja objeto de estudo científico precisa ser submetido aos métodos científicos, para isso é necessário que tal coisa ou fenômeno esteja no mundo.

Conceber Deus como objeto de estudo científico é impossível. Deus falha enquanto hipótese científica, já que Deus não pode ser pensado como coisa no mundo ao lado das outras coisas. Deus não é uma coisa no mundo, nem um processo mundano. Na realidade Ele é aquilo no qual as coisas são. É a realidade absolutamente absoluta.(ZUBIRI,2002,p.17). A compreensão de Deus ultrapassa a capacidade humana de conhecimento. “A natureza de qualquer ação de Deus está além do que qualquer processo que possamos imaginar” (WILKSON e CAMPBELL, 2014, p.29).

O que Dawkins parece ignorar é que os religiosos já haviam percebido que realmente não se pode conhecer Deus por meio da razão. Tradições como a judaica, por exemplo, reconhecem a natureza incognoscível de Deus, os judeus ortodoxos escrevem seu nome em caracteres não vocálicos para impossibilitar sua pronuncia, posto que a pronuncia de um nome já significa limitar o que não pode ser limitado, ou seja, Deus.(WILKSON e CAMPBELL, 2014, p.22). Muitos teólogos já haviam dito que Deus não existe enquanto coisa no mundo. (ARMSTRONG, 2011)

Isso nos leva a notar que também a palavra Deus fica vazia em seu significado já que Deus não é uma coisa e muito menos um processo. As palavras só podem nominar coisas ou processos.

“Ele é mais do que a qualidade presente nas coisas- ele não depende das coisas para existir – como acontece com a vermelhidão. E a maioria dos crentes afirmaria que ele é mais do que uma qualidade, quer intrínseca quer atribuída, o que permite que seu ser possa ser objeto de debate. ‘Deus’ é um nome de tipo especial – Um substantivo diferente dos demais. (WILKSON e CAMPBELL, 2014, p.29)

Entender Deus como hipótese científica parte de um mito moderno de que tudo pode ser entendido pela ciência. Paul Tillich observa que hoje é difícil falar de Deus porque logo as pessoas perguntam se existe um Deus. A palavra Deus já não aponta mais para uma realidade infável. Deus se reduz a uma mera hipótese científica, ou seja, uma possível explicação para os fenômenos naturais (ARMSTRONG,2011, p.315).

Além da impossibilidade de entender Deus como um fenômeno que pode ser medido pelo método científico é necessário darmos atenção ao que David Hume

pensava a respeito das limitações da própria ciência e do entendimento humano. Para o filósofo não podemos demonstrar a existência de nada contando apenas com o trabalho de nossa mente. Não temos subsídio lógico para provar inclusive as relações de causa e efeito dos fenômenos que nos aparecem e nem mesmo postular leis naturais. Mesmo que um fenômeno possa se repetir indefinidamente como o pôr-do-sol, por exemplo. Não temos razão para pensar que ele sempre se repetirá. A única forma legítima de raciocínio é aquela que se apresenta em forma de ligações lógicas necessárias entre as ideias, como na matemática, por exemplo. Não temos, portanto, subsídio para investigar a existência ou não existência daquilo que chamamos Deus. (HUME, 2003).

2.2.2 A Crítica ao Deus Moderno

Outra crítica é feita não só à afirmação de Deus ser uma inteligência que regula o mundo, mas também em relação à onisciência e onipotência de Deus. A ideia da onisciência de Deus e sua onipotência são, para Dawkins, visivelmente incompatíveis, por uma questão lógica. Se Deus é onisciente, ele já tem de saber que vai intervir para mudar o curso da história usando sua onipotência. Mas isso significa que ele não pode mudar de ideia sobre a intervenção, o que significa que ele não é onipotente. (DAWKINS, 2007, p.112)

Dawkins pensa que esta ideia de Deus que ele critica é a mesma presente em todas as religiões monoteístas sem atentar para o fato de que existe uma história do conceito de Deus. Mais uma vez ele se utiliza de um simplismo que não é típico de um verdadeiro cientista. Para Dawkins, Deus seria uma criatura grande e poderosa. Um senhor invisível que criou e interfere no mundo quando bem entende. Tal concepção é idólatra e perniciosa e nada tem a ver com Deus.

No início da tradição judaica não havia o conhecimento do conceito de Deus enquanto ser todo poderoso, onipresente e onisciente. Tal conceito começa a aparecer no pensamento cristão medieval. Mais tarde, dentro da modernidade, acontecem profundas mudanças culturais devido ao entendimento da ciência enquanto legitimadora da verdade. A velha mitologia não dava mais significado à

cultura. Reformadores como Lutero e Calvino, não conseguiam responder aos questionamentos em relação ao sofrimento humano e começam a propagar a fé em um Deus onipotente, capaz do que quiser. Resta, portanto, ter fé e confiar nos desígnios de Deus. A fé, para Lutero era uma livre entrega e uma aposta feliz na bondade impercebida e não experimentada de Deus. (ARMSTRONG, 2010)

Quando os reformadores aproximaram as pessoas das escrituras sagradas elas puderam examiná-las livremente assim como questionar os fundamentos daquilo que estavam lendo.

A teologia cristã não concebe o conceito de Deus que Dawkins tem.

Para a teologia cristã, Deus não é um megafabricante, mas aquele que assegura a existência de tudo por meio do seu amor, e assim continua a ser ainda que o mundo não tivesse começado. A criação nada tem a ver com o deslanchar de coisa alguma. Deus, ao contrário é a razão por que existe algo em vez de nada, a condição da possibilidade de toda e qualquer entidade. Não sendo ele próprio em absoluto uma entidade. (EAGLETON,2011,p.18)

2.3 CRÍTICA AOS ARGUMENTOS DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

Um dos pontos centrais do livro *Deus um Delírio* de Richard Dawkins é a crítica aos argumentos que defendem a existência de Deus formulados ao longo da tradição filosófica cristã principalmente as cinco vias ou cinco provas da existência de Deus formuladas por São Tomás de Aquino(1221-1274).

Dawkins, de maneira apressada, faz críticas ao pensamento de Tomás de Aquino como se o pensamento tomista fosse uma produção recente e não o fruto das questões formuladas no século XIII. Por isso, faremos um breve comentário para contextualizar a filosofia de Tomás de Aquino e em seguida comentaremos a crítica de Dawkins a esta filosofia.

Tomás de Aquino nasceu na Itália no condado de Aquino, em Campagna, na Itália em 1225 e pertencia a uma família nobre de condes. Em 1230, foi enviado ao mosteiro de Monte Cassino e, em 1239, mudou-se para a cidade de Nápoles, tornou-se monge dominicano e em 1248 foi ordenado sacerdote. Tornou-se um

protagonista da vida intelectual do seu século, profundo estudioso de Aristóteles e professor na Universidade de Paris e incansável professor visitante das melhores universidades europeias. Faleceu em Nápoles em 1274.

Aquino enfrentava naquela época o desafio de conciliar os valores da fé cristã com os da razão retomando uma abordagem aristotélica da filosofia e colocando-se em oposição a duas linhas de pensamento: a tendência místico-platônica, defendida naquela época pelos Franciscanos, e a crença dos chamados Averroístas, seguidores do pensador árabe Averróis que identificavam na doutrina de Aristóteles argumentos incompatíveis com a revelação cristã, por exemplo, a ideia da mortalidade da alma individual.(NICOLA, p.143. 2005)

Tomás de Aquino teve uma obra extremamente importante para o pensamento cristão. Para Jacques Maritain o pensamento de Tomás de Aquino

Não só transportou para o domínio do pensamento cristão a filosofia de Aristóteles na sua integridade para fazer dela o instrumento de uma síntese teológica admirável como também e ao mesmo tempo que superou e, por assim dizer, transfigurou essa filosofia. Purificou-a de todo vestígio de erro [...] sistematizou-a poderosa e harmoniosamente, aprofundando-lhe princípios, destacando as conclusões, alargando os horizontes, e nada se cortou, muito acrescentou, enriquecendo-a com imenso tesouro a tradição cristã. (MARITAIN,1989,p.65,)

É preciso descrever brevemente como funcionam as cinco vias ou provas da existência de Deus são de São Tomás de Aquino.

A primeira via propõe que tudo aquilo que se move é movido por outro ser. Por sua vez este outro ser, para que este ser se mova, necessita também que seja movido por outro ser, e assim sucessivamente. Se não houvesse um primeiro ser movente cairíamos em um processo indefinido. Logo, é necessário chegar a um primeiro ser movente que não seja movido por nenhum outro. Esse ser é Deus.

Na segunda via Tomás de Aquino argumenta que todas as coisas existentes no mundo não possuem em si a causa eficiente de suas existências. Elas devem ser consideradas efeitos de alguma causa. Tomás de Aquino afirma ser impossível remontar indefinidamente à procura das causas eficientes. Logo é necessário admitir a existência de uma primeira causa eficiente responsável pela sucessão de efeitos. Essa causa primeira é Deus.

Na terceira via existe a afirmação de que todo ser contingente, do mesmo modo que existe pode deixar de existir. Ora, se todas as coisas que existem podem deixar de ser, então alguma vez, nada existiu. Mas se assim fosse, também agora nada existiria, pois aquilo que não existe somente começa a existir em função de algo que já existia. É preciso admitir, então que há um ser que sempre existiu e é absolutamente necessário. Este ser é Deus.

Na quarta via temos Aquino diz que se pode afirmar que existem nas coisas do mundo graus de perfeição. Assim, estabelecemos que tal coisa seja melhor do que a outra, ou mais bela, ou mais poderosa ou verdadeira. Isso implica que deve haver um ser com o grau máximo de perfeição. Um ser máximo e pleno. Este ser é Deus.

A quinta via pode ser chamada de prova do *Design*. Nela Tomás de Aquino argumenta que todas as coisas brutas, que não possuem inteligência própria, existem na natureza cumprindo uma função. Um objetivo. Uma finalidade. Tal como a flecha orientada pelo arqueiro. Devemos admitir a existência de um ser que dirija todas as forças da natureza para que cumpram seu objetivo. Este ser é Deus. (AQUINO,2005)

Como já foi dito, Richard Dawkins não tem uma preocupação com uma discussão metafísica avançada. O objetivo do texto *Deus um delírio* é ter argumentos fortes que sejam contrários à hipótese de que Deus existe, para converter as pessoas ao ateísmo. Por ser positivista Dawkins não considera que argumentos metafísicos sejam válidos dentro desta discussão.

Para Dawkins as cinco vias de Tomás de Aquino não provam nada, são argumentos vazios. Para ele as três primeiras provas são três maneiras de se dizer a mesma coisa: que é necessário que exista algo que não foi causado e causou tudo. O que os argumentos de Tomás de Aquino descrevem não tem nada a ver, para Dawkins, com a possibilidade da existência de uma inteligência regente do universo. Tais argumentos partem do princípio de

que Deus é imune à regressão. Mesmo que nos dermos ao duvidoso luxo de conjurar arbitrariamente uma terminação para a regressão infinita e lhe dermos um nome, não há absolutamente nenhum motivo para dar a essa terminação as propriedades normalmente atribuídas a Deus: onipotência, onisciência, bondade, criatividade de design, sem falar de atributos

humanos como atender a preces, perdoar pecados e ler os pensamentos mais íntimos. (DAWKINS,2007,p.112)

O que Tomas de Aquino chama de Deus, para Dawkins, não passa de um fenômeno físico. São Tomás de Aquino retoma uma regressão infinita e chama a singularidade do *big bang* de Deus. Para Dawkins não é evidente que esta regressão a que Aquino se refere vai terminar exatamente em Deus; Na verdade não há demonstração da conexão deste argumento desenvolvido por Tomás de Aquino com o conceito de Deus. Dawkins ridiculariza a quarta via de Aquino dizendo que o mesmo raciocínio pode ser formulado em relação a coisas que não são agradáveis.

Também seria possível dizer: as pessoas variam quanto ao fedor, mas só podemos fazer a comparação pela referência a um máximo perfeito de fedor concebível. Tem de haver, portanto, um fedorento inigualável, e a ele chamamos Deus. Ou substitua qualquer dimensão de comparação que quiser, derivando uma conclusão igualmente idiota. (DAWKINS,2007,p. 114)

Dawkins parece não saber é que Tomás de Aquino pensava que era impossível conhecer a essência de Deus. As suas cinco vias são uma parte muito superficial de sua filosofia e não tinham o objetivo de provar a existência de Deus para algum cético. Na realidade elas tinham o objetivo justificar o por quê das coisas existirem ao invés de não existirem. Era uma discussão muito mais filosófica que teológica.(AQUINO,2005,p.14)

As cinco vias de Tomás de Aquino não tinham a intenção de demonstrar a existência de Deus como se demonstra a existência de um planeta. Mas mostrar como a fé das pessoas pode muito bem fazer sentido no mundo natural.(EAGLETON, 2011, p.112)

Apesar de os argumentos de Tomás de Aquino serem considerados por Dawkins como sendo vazios, boa parte do texto de *Deus um Delírio* é feita para refutar ao chamado argumento do *Design* (ou Desígnio) , ou seja, a quinta via de Tomás de Aquino. Segundo Dawkins, Charles Darwin, com sua teoria da evolução conseguiu, com maestria, enterrar este argumento. A evolução, apesar de ser um evento que combina forças cegas e aleatórias, produz uma impressão de que seus frutos foram projetados.

Dawkins discute também o chamado argumento da improbabilidade, que preconiza que é muito improvável que a vida tenha surgido por forças cegas, seria como um furacão passar por um ferro velho e surgir dali um Boeing 747(p.155). Ou seja, é muito improvável que o mundo não tenha uma racionalidade que lhe dá suporte, posto que a natureza e tudo o que nela existe demonstram perfeição em seu funcionamento. As coisas complexas não podem ter surgido por acaso. Este argumento reforça o argumento do *design*.

Richard Dawkins responde que a improbabilidade da existência da vida na Terra não significa necessariamente que ela tenha sido projetada, oportunamente usando o filósofo David Hume. O modelo da evolução de Darwin é citado novamente como a forma mais plausível de explicar o evento do surgimento da vida e do aparente ordenamento da natureza.

O que Dawkins não questiona, já que conhece a filosofia de Hume, é como pode ter subsídio lógico para dizer que a evolução explica o arranjo que a vida tem hoje, já que Hume pensa ser impossível demonstrar que determinado evento ocorreu só com base em nossas impressões.

Dawkins reconhece que o acaso em si mesmo não pode ser gerador de nada, mas é a evolução que é o processo pelo qual as coisas vieram a ser como são. Frequentemente as pessoas pensam ser apenas duas as alternativas em relação à origem da vida, que seriam: o acaso ou *design* inteligente. Dawkins pensa que a evolução seja a resposta para esta pergunta. E como nada é totalmente irreduzível em sua complexidade esta teoria é, para ele, plausível.

Fica claro no texto que, para Dawkins, o que Charles Darwin fez não foi somente desconstruir a teoria do *design* inteligente dentro da biologia. Para Dawkins, Charles Darwin respondeu ao enigma da origem do universo e do funcionamento de todas as coisas.

Podemos notar ao ler o *Deus um delírio* que a teoria da evolução para Richard Dawkins é mais que uma teoria científica é quase que um evangelho, já que concebe tal teoria como desprovida de falhas e enganos. Nem mesmo o próprio Darwin acreditava na evolução desta forma.

2.4 CRÍTICA AO PRINCÍPIO ANTRÓPICO, UMA VARIANTE DO ARGUMENTO DO *DESIGN*.

Chamamos de princípio antrópico da vida a ideia de que o universo se ajustou de tal forma que pode conter em si seres humanos. Este princípio é usado muitas vezes como uma argumentação a favor da hipótese da existência de Deus, já que para os criacionistas esta é uma evidência de que a natureza foi feita para nós. Este argumento é uma variante do argumento do desígnio. Estamos em um universo favorável à nossa existência por isso é possível deduzir que isso não pode ter acontecido ao acaso. O que quer dizer que há uma inteligência sobrenatural por trás da realidade. Uma inteligência interessada em nossa vida. Isso ocorre porque com pouca variação na natureza, como por exemplo a distância do planeta Terra ao Sol ou a composição do ar, a vida humana não seria possível. Para garantir a vida humana na Terra a natureza ajustou os seus botões de forma muito delicada.(DAWKINS,2007, p.183)

Frente a isso Dawkins argumenta que o que parece ser ajuste, foi na verdade o resultado de um processo aleatório, menos improvável do que a possibilidade de um Deus ter criado o universo e arranjado dessa forma. Para ele a seleção natural é capaz de tornar bem mais plausível a concretização destas improbabilidades. Ela explica tudo o que é considerado improvável. Dawkins lembra que teoria da evolução não explica a origem da vida. Para ele a origem da vida foi realmente foi um evento extremamente improvável, mas nem por isso deixou de acontecer. Mas esta improbabilidade não serve como uma evidência para comprovar a existência de um Deus. Uma analogia é feita para explicar a dinâmica na crença no princípio antrópico:

O filósofo John Leslie usa a analogia de um homem condenado à morte pelo pelotão de fuzilamento. Há uma possibilidade mínima de que todos os dez homens do pelotão de fuzilamento errem o alvo. Em retrospecto, o sobrevivente que se veja na posição de refletir a respeito de sua sorte pode dizer, contente: "Bem, obviamente todos erraram, ou eu não estaria aqui pensando nisso". (p.196)

Por mais extravagantes que sejam todas as teorias que explicam o surgimento e funcionamento do universo são improváveis, assim como a hipótese de Deus. Além de improvável, a explicação que tem como causa um Deus criador é

muito complexa. A evolução é para Dawkins, a maneira mais contundente e simples que existe para explicar o universo.

A concepção errônea de Deus como um gerente e megafabricante existente enquanto coisa no mundo realmente é improvável. Como já dissemos esta concepção nada tem a ver com o que diz a teologia cristã. Para os teólogos cristãos Deus não é um engenheiro cósmico e sua obra não tem qualquer objetivo. E

o mundo não é a culminação inevitável de algum processo prévio, o resultado final de alguma cadeia inexorável de causa e efeito. Qualquer cadeia anterior de causalidade desse tipo teria que fazer parte do mundo, ou seja, não poderia ser considerada sua origem. Como não existe necessidade no cosmos, não podemos inferir que leis o governam a partir de princípios a priori, mas precisamos, em vez disso observar como ele efetivamente funciona. (EAGLETON,2011,p.19)

2.5 COMPLEXIDADE IRREDUTÍVEL DE DEUS

Aos criacionistas que pensam que o funcionamento da natureza traz as marcas de um criador e ordenador inteligente, Dawkins tem o seguinte questionamento que para ele é o argumento mais forte contra a existência de Deus: Se há uma inteligência por detrás da realidade, esta inteligência só pode ter surgido de um longo processo de evolução. Portanto temos que perguntar quem foi que projetou o projetista, ou seja, Deus. (DAWKINS,2007,p.165) Se Deus existe, ele tem uma complexidade irreduzível, o que torna sua existência impossível dentro desta perspectiva.

Dawkins diz em seu texto que assim como para todos os que acreditam que a teoria da evolução está mais próxima da explicação sobre o funcionamento da natureza, todas as coisas vieram de um longo processo de evolução e nada surgiu na natureza de forma complexa. Ou seja, um organismo complexo que temos hoje não pode ter surgido já com a complexidade que tem. Tudo sofreu modificações em um constante processo evolutivo para chegar a ser o que é. Se isso fosse comprovado como improcedente o próprio Darwin disse que desistiria de sua teoria. (DAWKINS,2007, p.170).

Para Dawkins a falta de conhecimento de como funciona o processo evolutivo é o que pode gerar uma ilusão de que houve por trás da realidade uma inteligência projetista. Durante este processo nas estruturas iniciais que deram

origem ao que hoje podemos pensar que tem uma complexidade irreduzível houve fatores que serviram como base e se perderam no processo. Por isso pensamos que existe nelas uma complexidade irreduzível. Dawkins faz a seguinte analogia descrita pelo químico escocês A. G. Cairns-Smith para explicar este fator:

Um arco de pedras soltas, sem argamassa, mas que fica de pé, pode ser uma estrutura estável, mas é irreduzivelmente complexo: ele desaba se qualquer pedra for retirada. Como, então, ele foi construído? Uma maneira é juntar uma pilha sólida de pedras e depois retirar com cuidado as rochas, uma a uma. Em termos mais gerais, há muitas estruturas que são irreduzíveis no sentido de que não conseguem sobreviver à subtração de qualquer uma de suas partes, mas que foram construídas com a ajuda de andaimes que depois foram subtraídos e que já não são visíveis. Uma vez que a estrutura tenha sido concluída, o andaime pode ser retirado com segurança e a estrutura permanece de pé. Na evolução, também, o órgão ou estrutura que se observa pode ter tido um andaime num ancestral, que depois foi removido. (DAWKINS, 2007, p. 176)

Dawkins pensa ser inválida a argumentação de que não são necessárias inúmeras evidências para comprovar a evolução. (DAWKINS, 2007, p. 173). Em um outro momento do texto de *Deus um delírio*, Dawkins diz uma coisa mais grave ainda. Afirma que a evolução é um fato (DAWKINS, 2007, p. 386), ou seja, não pode ser contestada.

Dawkins não explica como é possível ter certeza de que estou diante de uma evidência cabal de alguma teoria científica. Será que existe algo incontestável dentro do conhecimento científico? Herbert McCabe pensa que a exigência de um fundamento em provas incontestáveis é um mito romântico de que existe algum tipo de superioridade moral quanto aos indivíduos que se recusam a decidir porque a prova não é totalmente convincente. Existem pessoas acreditam que não podemos ter certeza absoluta de que os judeus foram perseguidos na Alemanha e de que o Apartheid foi terrivelmente injusto. (EAGLETON, 2011, p. 108). Coisas como o inconsciente não são visíveis, assim como os átomos nunca foram vistos para que pudessemos comprovar a teoria atômica.

Dawkins, em *Deus um Delírio*, finge ignorar que a verdadeira essência do conhecimento científico é ser provisório e sempre criticável. Ciência é um empreendimento humano incapaz de fornecer conhecimento completamente seguro. Karl Popper, famoso filósofo que trabalhou a questão do valor do conhecimento científico escreveu:

Nosso conhecimento – em particular o conhecimento científico – progride por meio de antecipações justificadas (ou não): “palpites”, tentativas de soluções, por meio de conjecturas, enfim. Conjecturas que são controladas pelo espírito crítico; isto é, por refutações, que incluem testes rigorosamente críticos. Elas podem vencer esses testes, mas nunca são justificadas de modo positivo; não se pode demonstrar que sejam verdades seguras, ou mesmo ‘prováveis’ (no sentido do cálculo probabilístico). O exame crítico das nossas conjecturas tem importância decisiva: por em evidência nossos erros e nos levar a compreender as dificuldades do problema que pretendemos solucionar. É assim que nos familiarizamos com os problemas e podemos propor soluções mais maduras: por si mesma a refutação de uma teoria- isto é, de qualquer tentativa séria de solucionar nossos problemas constitui sempre um passo que nos aproxima da verdade. Desta forma aprendemos com os erros.

A medida que aprendemos com os erros cometidos, nosso conhecimento aumenta – embora possa acontecer que não tenhamos consciência (ou segurança) disso. Como nosso conhecimento cresce, não há razão para desesperar da razão. E como nunca podemos saber com certeza, não podemos também adotar uma atitude autoritária, pretensiosa ou orgulhosa em relação ao que sabemos. (POPPER, 1972,p. 30)

É importante lembrar mais uma vez que o que Dawkins diz fazer é investigar Deus como se ele fosse uma hipótese científica. Como se Deus fosse um fenômeno natural. O fato de Dawkins partir deste ponto de vista torna seu argumento válido apenas dentro de seu sistema de ideias. Dawkins parte de uma concepção que vem do senso comum. No senso comum Deus é antropomorfizado, isto é, encarado como se fosse humano, muitas vezes concebido com características humanas como a bondade a ira e como capaz de interferir nos acontecimentos do mundo. É preciso lembrar que quando falamos de Deus falamos do inefável e incognoscível. Falamos da realidade absolutamente absoluta(ZUBIRI,2002). Deus não pode ser uma “coisa” colocada ao lado de outras coisas no mundo. Deus não é uma “coisa” como as outras coisas são. Sua existência é muito diferente de qualquer “coisa”. (MOORE,1988)

2.6 O PRINCIPAL ARGUMENTO, SEGUNDO DAWKINS, CONTRA A IDEIA DE QUE EXISTE UM DEUS

A centralidade argumentativa de *Deus um delírio* está segundo seu autor, no seguinte argumento: dentro de uma perspectiva fisicalista no processo de evolução não existe a possibilidade de que algo surja tendo em si toda sua complexidade.

Tudo o que existe tem como origem uma forma primitiva simples. Mas assim como a vida e os arranjos pelo processo da evolução há um caminho que leva à complexidade. Deus, se existir, deve ter evoluído de uma inteligência menos evoluída.

A maior prova da inexistência de Deus, segundo Dawkins é a de que uma inteligência super-humana tão evoluída deve ter evoluído de uma inteligência mais simples. Ou seja, Deus sendo o projetista do universo “ tem que ser o produto final de algum tipo de escada cumulativa ou guindaste, quem sabe uma versão do darwinismo em outro universo.” (DAWKINS,2007,p. 210)

Dawkins está partindo da concepção de que as leis físicas sempre funcionaram como funcionam hoje e de que o mundo é a culminação de um processo inexorável de causa e efeito. Está considerando a evolução como uma verdade inquestionável. Não é possível conceber tal coisa. Não há como provar que todos os fenômenos naturais sempre funcionaram como funcionam hoje. O melhor que os cientistas podem fazer é falar em probabilidades. Não há conhecimento científico totalmente seguro.

É importante lembrar que a concepção de Deus como projetista que Dawkins usa é improvável. Como já foi dito, Deus não é uma coisa no mundo e por isso a existência dele não é como a existência de uma coisa(MOORE,1988, p.101). Deus não pode ser concebido como um ente cognoscível. Não pode ser explicado por uma teoria que possamos entender cientificamente.

É complexo afirmar e comprovar a existência de Deus. Mas formular a questão “Deus existe?” é mais complexo ainda. Requer uma compreensão precisa do que entendemos por Deus e o que entendemos por existência. Só a partir daí podemos formular tal pergunta. Esta tarefa é praticamente impossível.(RUSSELL,2014,p. 40) Mesmo Russell, já citado anteriormente como uma referência para Dawkins, já alertava para a prepotência de muitos cientistas e a ignorância em relação ao argumento de Hume que dizia que é impossível provar algo que não passe pelos sentidos. É por isso que

a ciência repudia a filosofia. Em outras palavras, jamais se preocupou em justificar a sua fé ou explicar o seu significado, e permaneceu gentilmente indiferente à refutação de Hume. [...] A indiferença da ciência à filosofia tem sido motivo, é claro, de seu impressionante sucesso; aumentou a sensação

de poder do homem, e tem sido agradável, como um todo, a despeito dos conflitos ocasionais com a ortodoxia teológica (RUSSELL,2014,p. 42)

2.7 CRÍTICA AO ARGUMENTO ONTOLÓGICO DE SANTO ANSELMO

Para Dawkins, o argumento ontológico, formulado por Santo Anselmo de Canterbury (1033-1109) preconiza que se podemos pensar e compreender um ser que seja o máximo da perfeição, temos que conceber necessariamente, que se esse ser é realmente o máximo da perfeição ele tem que necessariamente existir. Se não existisse não seria tão perfeito. Portanto, este ser é Deus e ele existe.

Para Dawkins este argumento é infantil e parte de premissas erradas. Na verdade trata-se de uma falácia e não realmente de um argumento. Ao examinar com cuidado nota-se, como Kant notou, que não há motivo para acreditar que existir seja algo mais perfeito que não existir. Portanto o argumento ontológico nada provaria.

O que Dawkins não percebe é que para Anselmo, assim como para Tomás de Aquino, não existia o anseio de provar a existência de Deus por meio desta argumentação. Para Anselmo a razão vinha de Deus. E por isso ele afirmava que era preciso ter fé para compreender (*Credo ut intelian*). O texto de Anselmo é escrito em forma de oração. É muito mais um louvor a Deus do que um argumento com o objetivo de convencer incrédulos de que Deus existe.

Assim, pois, Senhor, tu que dás a inteligência da fé, dá-me, tanto quanto aches bem, que eu compreenda que tu existe como nós o acreditamos e que tu és alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado. Será que não existe tal natureza, uma vez que o “insensato disse no seu coração: ‘Deus não existe’”(Salmo 13,1; 52,1; Romanos 3,10-12)? Mas certamente este insensato quanto ouve o que eu digo [...] compreende o que ouve, e o que ele compreende existe na sua inteligência, mesmo se ele não compreende que isso existe na realidade. Porque uma coisa é que certa realidade esteja no intelecto, outra é compreender que tal realidade existe (ANSELMO, 1979,p. 101)

Mais uma vez, Dawkins tira o filósofo de seu contexto e assim tenta reduzir o peso de seu pensamento menosprezando as condições as quais tal pensamento

foi produzido. No tempo de Anselmo a razão era “indissociável de certos compromissos éticos, ontológicos, metafísicos e até mesmo estéticos que são incompatíveis com a imagem modernista do mundo” (EAGLETON, 2011, p. 78). Não havia como há hoje, uma perspectiva de Deus enquanto problema científico. Havia a crença de que a razão também era um instrumento que levava a Deus. Esta era uma profissão de fé.

Anselmo não acreditava na argumentação enquanto meio de provar a existência de Deus assim como se prova, hoje em dia, que determinada doença é causada por vírus e não por bactéria.

2.8 CRÍTICA AO ARGUMENTO DA BELEZA

É muito comum as pessoas pensarem que a beleza artística evidencia um sinal da perfeição de Deus. Ele em sua perfeição se manifestaria por meio das coisas belas que existem no mundo e na capacidade humana expressar a beleza por meio da arte. Quem defende isso, segundo Dawkins, não apresenta relação lógica entre a existência de Deus e existência da beleza nas mais diversas formas. Podemos conceber facilmente que uma coisa não depende em nada da outra. (DAWKINS, 2007, p. 122)

2.9 ARGUMENTO DA “EXPERIÊNCIA PESSOAL”

Muitas pessoas afirmam que Deus existe porque tiveram uma experiência pessoal que demonstrou isso a elas. Tais pessoas afirmam que tal experiência, por ser extraordinária tem a assinatura de Deus. Para Dawkins é muito fácil contra-argumentar tal ideia já que o cérebro humano nos engana o tempo todo e por diversos motivos:

O cérebro humano executa um avançadíssimo software de simulação. Nossos olhos não apresentam ao cérebro uma fotografia fiel do que há por aí, ou um filme preciso do que está acontecendo ao longo do tempo. Nosso cérebro constrói um modelo que é constantemente atualizado: atualizado por pulsos codificados que circulam pelo nervo óptico, mas de toda forma construído. As ilusões de óptica são um forte lembrete desse fato. (DAWKINS, 2007, p. 126)

As alucinações podem ser facilmente produzidas para todos os sentidos humanos, principalmente se as pessoas estiverem em condições de produzi-las. Facilmente confundimos uma sombra com um ladrão ou, dependendo de nosso

estado mental, com um fantasma ou espírito. Daí surgem milhares de relatos de coisas fantásticas que foram vistas e sentidas mas se as colocamos em condições científicas controladas se mostram muito inconsistentes.

O que Dawkins não percebeu é que a religião e a crença em Deus são necessariamente experiências pessoais. O contato com Deus não é físico, até porque Deus não é um fenômeno físico. A compreensão de Deus que a religião nos dá não é explicável em termos científicos. No cristianismo, por exemplo, não há a pretensão de se explicar nada, e nem o Novo Testamento tem algo a dizer sobre um Deus criador (EAGLETON, 2011 p.18)

Até mesmo a ciência é uma parte de uma experiência pessoal que muitas vezes pode ser enganosa. Os cientistas também estão sujeitos a serem levados ao engano. As ilusões óticas e os enganos não são só para os religiosos. Galileu, considerado o inventor da ciência moderna, acreditava que na Lua haviam mares e considerava os cometas meras ilusões óticas. (LENTIN, 1997)

2.10 O ARGUMENTO DAS ESCRITURAS

Segundo Dawkins muitas pessoas acreditam que uma evidência da existência de Deus é o fato das escrituras sagradas relatarem que Deus existe e o fato das mesmas existirem a muito tempo. Dawkins argumenta que o fato das escrituras dizerem o que dizem não garante a comprovação da existência de Deus. Na verdade as pessoas são persuadidas a acreditar nas escrituras por que não tem o costume de questionar quem foram seus autores e quais eram as motivações que levaram as pessoas a escrever. Muitos estudos sérios sobre a Bíblia comprovam que os evangelhos não são relatos verídicos e não são completamente confiáveis sobre o que aconteceu na época a que eles se referem. A escrita da Bíblia conta com vários autores de várias épocas e motivações específicas, cada um deles com sua agenda religiosa. Mesmo verificando os evangelhos são notórias as incoerências específicas de datas e acontecimentos.

Dawkins exemplifica citando o tratamento dado pelas escrituras em relação ao nascimento de Jesus.

Um bom exemplo da cor acrescentada pelas agendas religiosas é a tocante lenda do nascimento de Jesus, em Belém, seguida do massacre dos inocentes por Herodes. Quando os evangelhos foram escritos, muitos anos depois da morte de Jesus, ninguém sabia onde ele tinha nascido. Mas uma profecia do Antigo Testamento (Miquéias 5, 2) tinha levado os judeus à expectativa de que o esperado Messias nasceria em Belém. À luz dessa profecia, o Evangelho de João afirma textualmente que seus seguidores ficaram surpresos com o fato de ele não ter nascido em Belém: "Outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?".

Mateus e Lucas lidaram com o problema de outra forma, concluindo que Jesus devia ter nascido em Belém, no fim das contas. Mas eles chegaram a essa conclusão por caminhos diferentes. Mateus coloca Maria e José em Belém desde sempre, tendo mudado para Nazaré só muito tempo depois do nascimento de Jesus, na volta do Egito, para onde tinham fugido do rei Herodes e do massacre dos inocentes. Lucas, por outro lado, admite que Maria e José moravam em Nazaré antes de Jesus nascer. Como então levá-los a Belém no momento crucial, para cumprir a profecia? Lucas diz que, na época em que Quirino era governador da Síria, César Augusto ordenou a realização de um censo, com fins tributários, e todo mundo tinha que ir "para a sua cidade". José era "da casa e da linhagem de Davi" e portanto tinha de ir para a "cidade de Davi, que é chamada de Belém". Deve ter parecido uma boa solução.

. (DAWKINS,2007,p.132)

O que Dawkins parece não perceber é que não podemos entender a Bíblia como um livro de caráter científico. Ela não foi escrita com esta pretensão. Mais uma vez Dawkins cai na armadilha do olhar moderno que preconiza que tudo tem que passar pelo crivo científico para ser aceito como verdadeiro e que todo conhecimento foi produzido com a intenção de ser científico.

A relação das pessoas com as escrituras sagradas era totalmente diferente do que é hoje. Na igreja católica medieval a missa era uma representação da vida de Cristo, seu ministério, sua morte e sua ressurreição. A missa era rezada em voz baixa e o fato da maioria das pessoas não entenderem o latim que o padre falava reforçava a mística deste ritual. A maioria das pessoas não tinha acesso aos textos bíblicos pois não sabiam ler e por isso ouviam os textos recitados pouco a pouco sempre em um contexto litúrgico. Os pregadores medievais sempre recomendavam que as pessoas não interpretassem literalmente as histórias e sempre sugeriam interpretações figuradas. Estes pregadores medievais não hesitavam em modificar as histórias e os personagens bíblicos para que estes coubessem no seu contexto. Os enredos não eram históricos no sentido em que concebemos a história hoje. Na verdade as histórias e os personagens bíblicos podem ser entendidos como facetas

da humanidade e seu caminho dentro da vida (ARMSTRONG,2010).Esta visão literal das escrituras é relativamente recente. Até o século XIX, muito pouca gente imaginava que o primeiro capítulo do Gênesis era uma descrição factual das origens da vida (ARMSTRONG, 2007 ,p. 9)

Hoje as pessoas sabem ler e tem acesso às escrituras sagradas e devido à cultura moderna muito dessa mística sob a qual estava envolta a escritura bíblica se perdeu. Hoje presenciamos muitos religiosos tentando comprovar a veracidade das histórias bíblicas com base em experimentos científicos para dar autoridade a sua fé. São frequentes as pregações descrevendo como já previstas no apocalipse os desastres, conflitos e mazelas que acontecem hoje. Ou a possibilidade científica de realmente ter ocorrido o dilúvio que Noé e sua família enfrentaram. Por ser o ocidente uma civilização da razão científica este tipo de leitura literal da Bíblia é muito frequente.

Neste sentido Dawkins tem razão. As escrituras não comprovam a existência de Deus até porque não foram escritas para isso. Podemos entender que elas foram feitas por seus autores como um exercício litúrgico e religioso para que houvesse uma elevação do crente. Para que as pessoas pudessem reviver seus mitos.

O que Dawkins ignora é que as escrituras sagradas são sempre reinventadas pelos seus leitores dentro de cada religião, ou seja os discursos das religiões são essencialmente interpretativos.A Bíblia foi sua interpretação para os dias em que foi lida pelos cristãos. Existem rabinos que dizem que a *Torá* nada mais é do que a interpretação da *Torá*. A busca pela certeza dentro das escrituras sagradas é uma busca moderna. (ARMSTRONG,2011,p.308)

2.11 CRÍTICAS À RELIGIÃO E SUA AUTORIDADE

Dawkins lamenta em seu livro o fato da religião ter um respeito que não merece ter já que não tem explicações que fundamentem cientificamente o que diz. Dawkins critica também o fato de existirem conflitos de todas as magnitudes motivados pela religião. Na realidade Dawkins critica em seu livro é um conceito de religião que ele mesmo criou. Não há em nenhum momento de *Deus um delírio* uma

referencia a um estudo avançado, seja de teologia ou antropologia, que tentasse definir com clareza todas as nuances do fenômeno religioso. Sabemos que existem muitas definições do que é uma religião com um alto grau de generalidade em cada uma delas e há também uma diversidade muito grande de experiências religiosas que estão submetidas a cada contexto histórico da humanidade (CRAWFORD, 2002)

As críticas feitas em *Deus um delírio* sobre a religião, dizem respeito aos fundamentalismos religiosos que estão longe de ser a essência da religião. Tais fundamentalismos e os usos perniciosos da fé religiosa realmente devem ser duramente criticados e denunciados. Neste ponto Dawkins tem razão.

Para Dawkins a raiz da religião é darwinista. Ele argumenta que a religião surgiu porque por trás de todos os comportamentos humanos existem instintos de sobrevivência e a propensão de ter comportamentos que favorecem a nossa sobrevivência dentro da natureza que era hostil e misteriosa. Um exemplo disso é o respeito à experiência dos mais idosos e a aceitação do que eles diziam sem questionamento, ou o estabelecimento de relações de causa e efeito a partir da observação dos fenômenos naturais. A Religião seria um subproduto destes comportamentos. Por isso ela se constituiria e se reproduziria dentro da cultura humana como se fosse um vírus.(DAWKINS,2007,p.230)

Segundo Dawkins a religião, ou o que ele entende que é uma religião, funciona como um instrumento de dominação pernicioso e só é efetiva na vida das pessoas por que elas foram doutrinadas desde pequenas dentro dela. Para ele é necessário libertar as pessoas deste terrível mal. Pois se alguém se sente aprisionado na religião é porque necessariamente foi vítima de

uma doutrinação infantil. Se é religioso a imensa probabilidade é de que tenha a mesma religião de seus pais. Caso tenha nascido no Arkansas e ache que o cristianismo é a verdade e o islã é a mentira, sabendo muito bem que acharia o contrario se estivesse nascido no Afeganistão. (DAWKINS,2007,p. 26)

Dawkins acredita que a religião é respeitada além do que merece ser respeitada. Mesmo sem evidências do que afirma a religião é levada a sério além

do que deveria ser levada a sério. É protegida por uma parede espessa de respeito e não precisa se justificar muito sobre seus posicionamentos e ideias.

O que pretendemos demonstrar é que, na verdade, Dawkins ignora a essência do fenômeno que costumamos chamar em nossa cultura de Religião. A religião é um conjunto de práticas e representações revestidas de caráter sagrado. A religião é também uma linguagem, ou melhor, um sistema simbólico de comunicação e pensamento. O conteúdo da religião é o mundo natural e social formando o cosmo. A religião contribui para a atribuição de sentido, tudo o que existe recebe sentido ao se integrar nesta ordem cósmica. Para Geertz a religião é um sistema simbólico que traz consigo um conjunto de símbolos extremamente necessários à vida. Os símbolos religiosos são uma síntese do ethos de um povo, ou seja, a sua visão de mundo o seu caráter a qualidade da vida. Este ethos torna os fatos razoáveis dentro do contexto do povo em questão que partilha daquela crença. As crenças são legitimadas e confirmadas pela religião dentro de seu sistema. (GEERTZ, 1989)

Na verdade a religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de atualidade que as disposições motivações parecem singularmente realistas.

Os animais são guiados por seus instintos enquanto o ser humano é essencialmente cultural até mesmo para as tarefas mais básicas no que diz respeito à sobrevivência. Um castor pode construir um dique com base nos seus comportamentos instintivos, mas há nos seres humanos a necessidade de ter uma concepção do que seja um dique para construir um. (GEERTZ, 1989).

A religião, ao contrário do que pensa Dawkins, não é um adendo à cultura humana. Existe desde o surgimento da humanidade a necessidade da crença religiosa para dar ao ser humano o significado de sua existência. A religião é absolutamente necessária e vai mudando de acordo com a história e com o pensamento crítico.

A religião acompanha a humanidade, estruturando a sua visão de mundo e sendo também estruturada por ela. No início da história da humanidade a religião

Não era algo acrescentado à condição humana, não era adicional que os sacerdotes sem escrúpulos impingiam às pessoas. O desejo de cultivar o

senso transcendente talvez seja a característica que define o ser humano. Por volta de 9000 a. C. , quando o homem inventou a agricultura e já não dependia da carne animal, os velhos ritos venatórios perderam parte de seu encanto, e as cavernas foram abandonadas. Mas não se descartou a religião. Ao contrário, concebeu-se uma série de mitos e rituais que, baseados na fecundidade do solo , infundiram temor religioso nos homens e mulheres do neolítico. (ARMSTRONG,2011,p. 27)

2.12 CRÍTICA À SEPARAÇÃO ENTRE OS MAGISTÉRIOS DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

O livro *Deus um delírio* foi escrito sob a perspectiva de que religião e ciência são necessariamente rivais e disputam a adesão das pessoas da mesma forma. Os mitos religiosos são formas frustradas de conhecimento. Para Dawkins, a partir do momento em que as pessoas se aproximarem do conhecimento científico, vão se distanciando da religião e de seus mitos.

Dawkins, que pensa que a ciência é a única forma possível de conhecimento, discorda do fato de que o magistério da ciência seja diferente do da religião e de que o problema da existência de Deus não possa ser tratado seriamente como um problema científico. Aliás, para ele coisas como a existência de Deus devem ser investigadas e abertamente discutidas. As pessoas relutam em discutir cientificamente a existência ou não de uma inteligência criativa que governa o mundo, mas este é um problema muito importante assim como a investigação sobre a veracidade dos milagres que acontecem. Neste ponto ele se vale de um exemplo um tanto extravagante.

Um estudo de caso divertido, apesar de bastante patético, sobre os milagres é o Grande Experimento da Prece: rezar por pacientes os ajuda a se recuperar? Preces costumam ser oferecidas a pessoas doentes, tanto no ambiente privado como em locais formais de adoração. Francis Galton, primo de Darwin, foi o primeiro a avaliar cientificamente se rezar pelas pessoas é eficaz. Ele lembrou que todo domingo, em igrejas de toda a Grã-Bretanha, congregações inteiras rezavam publicamente pela saúde da família real. A família não deveria então, portanto, ser bem mais saudável se comparada ao resto de nós, que só recebemos preces dos nossos entes mais próximos e queridos? Galton investigou e não encontrou nenhuma diferença estatística. Sua intenção, em todo o caso, pode ter sido fazer sátira, assim como quando rezou sobre lotes de terra aleatórios para ver se as plantas cresceriam mais rápido (não cresceram). (DAWKINS,2007,p.93)

Toda essa diferenciação tem origem em uma distorção do que vem a ser o mito e sua diferença com o a ciência.

Nas culturas pré-modernas havia duas formas de pensar e adquirir conhecimento, os antigos gregos as chamavam de *mythos* e *logos*. As duas eram essenciais e nem uma superior a outra. As duas se complementavam. O *logos* era a forma de pensar que permitia a atuação eficaz das pessoas no mundo, permitia produzir uma arma, organizar a sociedade ou mesmo planejar uma viagem. Só que o *logos* não aliviava o sofrimento humano e nem tinha uma resposta para as grandes questões da existência humana como o significado das nossas lutas diárias. Por isso se recorria ao *mythos*. As histórias míticas tinham uma função de ajudar as pessoas com suas dificuldades psicológicas e influenciavam a maneira de pensar e agir diante dos mistérios da vida. O mito nunca foi um relato histórico, não falava do passado da maneira que a história trata o passado, mas fala simbolicamente sobre o hoje. (ARMSTRONG, 2011, p. 13).

Vivemos hoje em uma sociedade em que a razão tem uma autoridade muito maior que a do mito. Por isso se pensa que os dois são concorrentes. Este mesmo engano é cometido em relação à Religião e à Ciência. Razão e conhecimento científico não são opostos à fé religiosa. Estão sempre por trás das atitudes humanas. O que parece é que uma é dependente da outra em certa medida. Quando, numa tomada de decisões se pende para o lado de uma a outra fica deficitária. Se abandonarmos completamente a fé caímos em um racionalismo radical que é extremamente nocivo. E ao contrário, se caminhamos para uma fé religiosa exacerbada caímos em um fideísmo igualmente prejudicial e vazio.(EAGLETON, 2011, p.136)

Na verdade

a razão precisa se apoiar em algo além de si mesma para ser autêntica como razão. Caso se apoie demais em interesses materiais e domínio político, em vez de ter como fundamento algum tipo de fidelidade amorosa ou comunidade pacífica, a fé e a razão se afastarão uma da outra, tornando-se caricaturas sem vida de si mesmas conhecidas como fideísmo e racionalismo. (EAGLETON, 2011, p.136)

A religião nunca foi uma explicação para nada. Não serve como hipótese científica, ela tem a ver com a vida e não com especulação teórica. A religião está no mesmo patamar dos conhecimentos humanos como a arte, o esporte e outros. Por isso tem outro magistério diferente do conhecimento científico. A religião constitui uma forma de dar sentido à vida e aos sofrimentos que enfrentamos dentro dela. As verdades da religião requerem um cultivo disciplinado. (ARMSTRONG,2011). Para entendermos a religião é necessário que a decifremos cuidadosamente (EAGLETON, 2011).

O teólogo alemão Karl Rahner argumenta que a fé é um ir de si mesmo em direção ao mistério incompreensível. O cristianismo está longe de esclarecer o mundo e a existência; antes, contém a proibição de considerar qualquer experiência ou insight por mais iluminadora que possa ser como conclusiva e inteligível em si. Os cristãos têm menos respostas do que os outros mortais. Um cristão não pode aceitar Deus como item óbvio. Ele tem que aceitá-lo como mistério incompreensível. (WILKSON e CAMPBELL, 2014, p.181)

O conhecimento científico veio acrescentar à humanidade uma nova forma de entendimento que com certeza influenciou muitas esferas de nossa cultura.

Podemos depreender daqui que a argumentação de Dawkins tem um claro objetivo de propagar uma doutrina antiteísta ridicularizando argumentos que o próprio Dawkins considera a base da fé das pessoas. Quando examinada a argumentação de Dawkins se mostra fraca, pois ele parte de conceitos equivocados e baseados em crenças pessoais, por exemplo, o conceito de Deus enquanto fenômeno natural. Dawkins também não se aprofunda nas questões que intenta debater.

Ao fazer críticas em relação à religião e a crença em Deus, Dawkins propõe substitutos para aquilo que critica. Analisaremos no próximo capítulo o que podemos perceber dentro do pensamento de Dawkins que funciona como doutrina doadora de sentido.

3 O ATEÍSMO DE DAWKINS ENQUANTO DOADOR DE SENTIDO

Neste momento será feita uma análise do pensamento de Dawkins enquanto uma proposta de doação de sentido para a vida das pessoas. Doação de sentido é o fornecimento de um conjunto de ideias e impressões que tem a capacidade de dar motivações para nossas lutas diárias, além de construir um senso moral ético e estético que nos dão suporte para lidar com os fatos da vida.

Deus um delírio foi escrito para converter as pessoas ao ateísmo. Dawkins, propõe uma doutrina ateuísta e antiteísta como oferta de sentido para ficar no lugar da religião.

O que se pretende neste momento é analisar esta proposta de Dawkins e avaliá-la como fornecedora de sentido em substituição à religião. Para isso será feita uma menção sobre como a religião funciona enquanto doadora de sentido. Depois disso a doutrina proposta por Dawkins será analisada.

3.1 A RELIGIÃO E A DOAÇÃO DE SENTIDO PARA A VIDA

O homem precisa atribuir um sentido à vida. A explicação para os fenômenos naturais nunca esteve totalmente nas mãos da humanidade, que por sua capacidade especulativa elaborou conhecimentos, como o científico e o filosófico para que tivesse acesso às respostas, mas nunca as teve de forma satisfatória. Quando um grande mal o aflige, o homem recorre ao sistema religioso para suportar sua impotência e pequenez diante do inesperado na vida. O mesmo ocorre quando existe uma dificuldade moral. A religião funciona também como um sistema simbólico que vai trabalhar com estes problemas (WEBER,1999)

A religião santifica normas e valores sociais, com ela o ser humano se torna imune à anomia, ou seja, a falta de sentido para a vida, que é insuportável para qualquer ser humano.(BERGER,1985) A religião é um sistema simbólico estruturante e é ao mesmo tempo estruturado, ou seja, molda o comportamento humano e também sofre a influência humana.(BOURDIEU, 1998). A religião é uma grande construtora do que chamamos o ethos social. Este ethos social é composto

pelos elementos valorativos da cultura que permeiam a sociedade e a fazem funcionar. É da religião que provém boa parte de nossa referência estética e moral(GEERTZ, 1989). Dela também provém nossa capacidade de encontrar sentido para o que somos e o significado de nossas lutas diárias.

3.2 DOAÇÃO DE SENTIDO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL MODERNA

Vivemos hoje uma grande crise de paradigmas. A modernidade nos trouxe uma fragmentação de consciências e dos valores impulsionada pela dinâmica do mundo globalizado. Estamos cheios de incertezas e convivendo com uma profusão de ofertas ideológicas e doutrinas que tentam dar uma resposta ao vazio de nossa existência.

Há o surgimento de uma cultura individualista e um processo de individuação dentro da sociedade industrial. As pessoas são impelidas a serem independentes autores de suas biografias. Beck (1997,p. 24-26) afirma que desde a década de 1960, em muitos países industriais do ocidente, as categorias das situações de vida e da conduta de vida da sociedade industrial estão sendo substituídas por um tipo novo de condição e disposição de vida, não mais obrigatória e incorporada por modelos tradicionais e sim voltada para o bem estar social. Com isso o indivíduo deve ser o diretor, produtor e ator de sua própria vida, deixando de lado sua cultura e suas origens. Cada um é impelido a lutar sozinho por seu sucesso e é por isso responsável por ele.

Existe nas sociedades industriais uma tendência ao enfraquecimento das relações de parentesco, vizinhança e os sentimentos que decorrem de gerações em conjunto. Tais relações tendem a desaparecer. Com efeito, a competição e os mecanismos formais de controle substituem os laços de solidariedade que conferiam unidade à sociedade tradicional. (WIRTH,1997,p.52)

Ao lado destes fenômenos está ocorrendo dentro do campo religioso um processo de secularização, ou seja, uma perda do significado sacral das estruturas, das coisas, das pessoas e dos comportamentos e também uma dessacralização que

é uma flexão em intensidade e difusão da experiência do sagrado, ou seja, uma redução da experiência psicológica do radicalmente Outro. (AQUAVIVA,1972).

A sociedade industrial contemporânea chegou ao ápice da desconfiança em todas as ofertas de sentido com o advento das duas grandes guerras mundiais. A ciência, considerada no início da modernidade a redentora da humanidade, foi usada para dar vazão a toda selvageria e violência jamais vistas.

A segunda guerra mundial foi um golpe fortíssimo tanto na crença em Deus quanto na crença na bondade humana, fazendo com que a religião perdesse ainda mais o seu valor enquanto fornecedora de sentido, minando para sempre as esperanças e iniciando um tempo de incertezas ainda maiores. Um caso exemplar disso foi a história de Elie Wiesel, sobrevivente do Holocausto e ganhador do prêmio Nobel. Wiesel disse que para ele Deus morreu em Auschwitz, o famoso campo de concentração nazista. Em sua primeira noite em Auschiwitz ele viu a fumaça negra saindo do crematório onde os corpos de sua mãe e sua irmã eram consumidos. Suas esperanças foram reduzidas a pó neste dia. Ele conta também que um dia a Gestapo enforcou uma criança que tinha um rosto de anjo triste e demorou cerca de uma hora para morrer, diante de milhares de espectadores que foram obrigados a presenciar a execução. Um dos prisioneiros murmurou “Onde está Deus?” e Wiesel pensou “ está pendurado naquela forca”(MCGRATH,2004, p.123)

Vivemos hoje em um mundo onde a incerteza é constitutiva nas relações do mundo e da vida, em que constantemente os indivíduos-sujeitos devem reler seu mundo interno e externo, para renovar suas estratégias e fazer que a vida mais uma vez prevaleça sobre a morte (SÁ, 2003, p. 14). A barbárie nunca esteve tão presente e tão bem noticiada como nos dias de hoje. Palavras como terrorismo, atentado e homem-bomba são muito comuns e parece estar nítida no senso comum a impressão de que os fundamentalismos religiosos são os grandes motivadores da barbárie contemporânea. Tal impressão ficou acentuada depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Os fatores supracitados mostram como a sociedade industrial contemporânea é um terreno fértil para “profetas” religiosos ou não, disseminarem suas doutrinas com o objetivo de dar uma resposta a este mundo caótico e violento, entre o vazio da existência e a super oferta de doadores de sentido.

Vamos a seguir analisar, o que Dawkins traz em seu texto que pode servir como doação de sentido e orientador para a vida nesta sociedade.

3.3 PONTOS PRINCIPAIS DO TRINADO DE DAWKINS

3.3.1 Hedonismo

Na leitura de *Deus um Delírio*, podemos notar uma grande preocupação com a felicidade e o bem estar do indivíduo. Neste sentido o texto de Dawkins parece pertencer a um livro de autoajuda. Existe um convite à libertação psicológica das amarras da religião opressora. A religião é encarada como um entrave para uma vida feliz. Em seu texto Dawkins diz

Acredito nas pessoas, e as pessoas quando incentivadas a pensar por si sós sobre toda a informação que existe hoje em dia, com muita frequência acabam não acreditando em Deus e vivem uma vida realizada – uma vida livre de verdade.(DAWKINS,2001, p. 22)

Um pouco adiante Dawkins diz :

Suspeito- quer dizer, tenho certeza – que há muita gente por aí que foi criada dentro de uma ou outra religião e ou está infeliz com ela, ou não acredita nela, ou está preocupada com tudo de mau que tem sido feito em nome ; pessoas que sentem um desejo vago de abandonar a religião de seus pais e que gostariam de poder fazê-lo, mas simplesmente não percebem que deixar a religião é uma opção. Se você for uma delas, este livro é para você. Sua intenção é conscientizar – conscientizar para o fato de que ser ateu é uma aspiração realista, e uma aspiração corajosa e esplêndida. É possível ser um ateu feliz, equilibrado, ético e intelectualmente realizado.

O conceito de vida livre e feliz não é explícito dentro do texto de Dawkins. Tal conceito vai aos poucos aparecendo no decorrer do livro. Dawkins não discute a felicidade humana em si, mas pensa essencialmente no gozo dos prazeres que a vida pode oferecer já que ela é muito curta. É neste sentido que dizemos que esta proposta de sentido de Dawkins é hedonista. Por hedonismo entendemos esta

valorização do prazer individual como único bem possível. Tal prazer é o sentido de uma vida feliz.

No texto de *Deus um delírio*, depois de fazer diversas críticas à Bíblia e às histórias contidas no Antigo Testamento, Dawkins age como um novo Moisés e sugere dez mandamentos como substitutos seculares dos dez mandamentos bíblicos. Expõe estes mandamentos como se fossem o caminho seguro para a felicidade. Segundo Dawkins tais mandamentos são uma referência moral muito mais adequada para os dias de hoje do que aqueles contidos na Bíblia. Os primeiros mandamentos foram postados por internautas em um blog ateuista:

- Não faça aos outros o que não quer que façam com você.
- Em todas as coisas faça de tudo para não provocar o mal.
- Trate os outros seres humanos, as outras criaturas e o mundo em geral com amor, honestidade, fidelidade e respeito.
- Não ignore o mal nem evite administrar a justiça, mas sempre esteja disposto a perdoar erros que tenham sido reconhecidos por livre e espontânea vontade e lamentados com honestidade.
- Viva a vida com um sentimento de alegria e deslumbramento.
- Sempre tente aprender algo novo.
- Ponha todas as coisas à prova; sempre compare suas ideias com os fatos, e esteja disposto a descartar mesmo a crença mais cara se ela não se adequar a eles.
- Jamais se autocensure ou fuja da dissidência; sempre respeite o direito dos outros de discordar de você.
- Crie opiniões independentes com base em seu próprio raciocínio e com sua experiência; não se permita ser dirigido pelos outros.
- Questione tudo. (DAWKINS,2007,p.340)

É interessante observar que Dawkins concorda com os mandamentos supracitados, mas pensa ser importante acrescentar a esta lista os seguintes mandamentos:

- Aproveite sua própria vida sexual(desde que não prejudique outras pessoas) e deixe que os outros aproveitem a deles em particular, sejam quais forem as inclinações deles que não lhe interessam.
- Não discrimine nem oprima com base no sexo, na raça ou (sempre que possível) na espécie.
- Não doutrine seus filhos. Ensine-os a pensar por si mesmos, a avaliar as provas e a discordar de você.
- Leve em consideração um futuro numa escala de tempo maior que a sua. (DAWKINS,2007,p.341)

No decorrer do texto percebemos o valor e a importância que Dawkins dá ao direito de todos os seres humanos ao prazer sexual. Dawkins chama bastante a atenção do leitor para a repressão sexual que os fanáticos religiosos promovem. Descreve os atos bárbaros contra os homossexuais em nome da religião

(DAWKINS,2007,p. 370-3). O que chama a atenção é que não há em *Deus um Delírio* uma referência à questão do subdesenvolvimento, ao consumismo, ao desperdício de recursos naturais e a outras mazelas sociais. O livro também não discute o capitalismo como um sistema opressor. Dawkins também não diz nada sobre a caridade dos religiosos em relação aos mais necessitados famintos e esfarrapados.

Uma das manifestações públicas em favor do ateísmo apoiadas por Dawkins foi a campanha *Atheist bus*. Dawkins ajudou a financiar a circulação de ônibus específicos em Londres com faixas de anúncio publicitário com os dizeres “provavelmente Deus não existe, portanto, deixe de se preocupar e aproveite a sua vida” .⁸

O hedonismo em Dawkins aparece até com relação à sua concepção de religião. Para ele a perpetuação da religião enquanto fator cultural presente, acontece por causa da dinâmica da fuga da dor e a aquisição do prazer individual. Para Dawkins a religião está presente na cultura humana porque oferece às pessoas um consolo para suas dores. A fé religiosa “possui o mesmo caráter de uma paixão” (DAWKINS,2007,p. 245).

De maneira muito semelhante ao estilo dos *Best Sellers* da autoajuda, Dawkins apregoa que somos privilegiados por estarmos vivos, e por isso a vida deve ser aproveitada. Não devemos lamentar a morte. Devemos nos alegrar por termos vida. Já que

Nós, uns poucos privilegiados que ganharam na loteria do nascimento, contrariando todas as possibilidades, como nos atrevemos a choramingar por causa do retorno inevitável àquele estado anterior, do qual a enorme maioria jamais nem saiu? (DAWKINS, 2007, p. 21)

Dawkins enfatiza que a ciência mostra que nossa existência é irrelevante e breve.

A própria ciência da astronomia de Fred Hoyle nos coloca em nosso devido lugar, metafórica e literalmente falando, encolhendo nossa vaidade para que ela caiba no minúsculo palco onde representamos nossa vida — nosso pedacinho de detrito de explosão cósmica. A geologia nos faz lembrar da brevidade de nossa existência, tanto como indivíduos quanto como espécie. (DAWKINS,2007,p.160)

⁸ <https://humanism.org.uk/about/atheist-bus-campaign/> acesso em 27/01/2015

Mais adiante em seu texto Dawkins volta a insistir que

temos sorte de estar vivos, considerando o fato de que a grande maioria das pessoas que poderiam ser criadas pela loteria combinatória do DNA na realidade jamais nascerá. Para nós, sortudos, que estamos aqui, descrevi a brevidade relativa da vida imaginando uma luzinha de laser avançando ao longo de uma enorme linha do tempo. Tudo o que há antes ou depois da luzinha está mergulhado na escuridão do passado morto ou na escuridão do futuro desconhecido. Somos incrivelmente sortudos de estar sob a luz. Por mais curto que seja nosso tempo sob o sol, se desperdiçarmos um segundo dele, ou reclamarmos que é tedioso ou estéril ou chato (como uma criança), isso não poderá ser visto como um insulto insensível para os trilhões de não-nascidos que jamais terão a chance de receber a vida? Como muitos ateus já disseram melhor que eu, a consciência de que temos apenas uma vida deveria torná-la ainda mais preciosa.(DAWKINS,2007,p.457)

Dawkins também se mostra favorável à eutanásia em caso de alto sofrimento por doença incurável. Tal procedimento priva do sofrimento aquele que está morrendo.

Se seu animal de estimação estiver morrendo, cheio de dor, você será chamado de cruel se não o levar ao veterinário para que ele dê ao bicho uma anestesia geral da qual ele não acordará mas se seu médico realizar exatamente o mesmo serviço misericordioso com você, se estiver morrendo cheio de dor, corre o risco de ser indiciado por assassinato. Quando eu estiver morrendo, gostaria que a minha vida fosse tirada sob anestesia geral, exatamente como no caso de um apêndice doente.(DAWKINS,2007,p.452)

Podemos perceber que Dawkins não passa de um racionalista liberal da classe média inglesa pertencente ao contexto cultural específico(EAGLETON,2011,p 66). Por meio de um aparente humanitarismo Dawkins apregoa uma moral cínica e intolerante. Seu pensamento critica a religião escamoteando diversos aspectos da mesma e utilizando de certos postulados científicos para que seus argumentos sejam convincentes.

Dawkins é herdeiro dos ideais do iluminismo. Por isso defende a busca individualista da felicidade. É certo que devemos ao iluminismo a liberdade de pensamento, o humanitarismo, e muitas de nossas liberdades civis. Porém, o humanismo liberal esclarecido foi a ideologia legitimadora de “uma cultura capitalista

mais banhada de sangue do que qualquer outro episódio da história humana”(EAGLETON,2011,p.69).Tal cultura legitimou a produção de armas de destruição em massa e do mercado da guerra; o desperdício dos recursos naturais do planeta; o desemprego e as desigualdades sociais extremas e o acúmulo de capital sem qualquer objetivo.

Este hedonismo encontrado no pensamento de Dawkins se encaixa no ethos da pós-modernidade ou modernidade tardia. Entende-se por pós-modernidade as mudanças culturais que ocorreram no fim dos anos 50, expressas pela pop arte e outras manifestações culturais. Existe no contexto pós-moderno a fragmentação de informações e de personalidade, a apatia e a falta de sentido das coisas. Na pós-modernidade a tecnologia invadindo o cotidiano e os signos vão ficando mais importantes que as coisas. A sociedade de consumo pós-moderna é também hedonista e personalista. O shopping é o altar pós-modernos. O importante é a diversão e a busca constante do prazer. Neste contexto o nada e o vazio estão presentes mais do que nunca. O pós-moderno não se preocupa em dar sentido à vida. É indiferente a questões existenciais. A modernidade teve como consequência o vazio existencial e a falta de respostas para as questões fundamentais da vida convivendo com a massa de informações com as quais somos bombardeados o tempo inteiro (SANTOS,1994).

3.3.2 Intolerância à Religião e aos Religiosos

Dawkins se considera um crítico de uma educação que prive as pessoas da livre reflexão. Mas, contraditoriamente, considera o pensamento teológico inútil. Só concebe a forma científica de pensar. É o que podemos ver quando Dawkins escreve sobre o espaço que os teólogos devem ter dentro do conhecimento humano:

Fico tentado a ir mais adiante e questionar em que sentido os teólogos poderiam ter uma província. Ainda me divirto quando me lembro da observação de um *ex-Warden* (chefe) de minha faculdade, em Oxford. Um jovem teólogo tinha se inscrito para uma bolsa num programa júnior de pesquisa, e sua tese de doutorado sobre a teologia cristã fez o Warden dizer: "Tenho sérias dúvidas se isso chega a ser um objeto de pesquisa".

Que conhecimento os teólogos podem acrescentar a dúvidas cosmológicas profundas que os cientistas não possam? Em outro livro repeti as palavras de um astrônomo de Oxford, que, quando lhe fiz uma dessas perguntas, disse: "Ah, agora vamos para além da esfera da ciência. Neste ponto tenho de ceder a palavra a nosso bom amigo, o capelão". Não fui sagaz o suficiente para verbalizar a resposta que mais tarde escrevi: "Mas por que o capelão? Por que não o jardineiro ou o cozinheiro?".
(DAWKINS,2007,p.87)

Dawkins pensa que "os teólogos não tem nada de útil para dizer sobre mais nada!" (DAWKINS,2007,p.88). Ora, sabemos que a maioria das pessoas professa uma religião. Desta forma, como alguém pode apregoar a livre busca do conhecimento e ao mesmo tempo dizer que o que os teólogos fazem não significa conhecimento? Na realidade isso significa intolerância em relação aos outros olhares sobre a realidade. Neste sentido pensamento de Dawkins é autoritário e antidemocrático. Dawkins condena ao silêncio todo aquele que tem um olhar diferente do científico.

O ateísmo de Dawkins se disfarça de humanitário e libertário, mas na realidade quer instituir um totalitarismo dos racionalistas sustentado por uma intolerância absoluta sobre a religião.

Theodor Adorno, em seu famoso texto *Educação e emancipação* sugere que para que a barbárie da segunda guerra mundial não se repita é necessário uma educação que fomente a autonomia de pensamento. Assim, surgirá uma sociedade consciente de que ninguém seja o dono da verdade. Uma sociedade que é capaz de desconfiar da autoridade constantemente.

"É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica."(ADORNO,1995, p.130)

A auto-reflexão crítica é um escudo contra uma sociedade intolerante. É a prevenção contra a volta de movimentos como o nazista. A confiança absoluta em qualquer postulado humano pode gerar as condições para o surgimento de uma sociedade em que haja a exploração impiedosa sobre as pessoas.

Dawkins se vende como um defensor de uma sociedade mais livre e mais humana. Mas, ao entrarmos em contato com o cerne do seu pensamento, percebemos que ele prega uma ditadura da racionalidade técnico-científica sobre as outras formas humanas de gerar conhecimento e valor. Tanto em suas manifestações quanto em seus textos a ciência aparece como a grande libertadora da humanidade. Porém, a intenção de ridicularizar e menosprezar outras formas de pensamento que não sejam científicos é evidente. Tais formas de pensamento não merecem nem ser ouvidas.

3.3.3. Idolatria da ciência

Outro ponto do ethos ateísta de Dawkins que é bastante acentuado dentro do texto de *Deus um delírio* é a valorização exacerbada da ciência. Para Dawkins somente a ciência fornece conhecimento verdadeiro. Para Dawkins tudo que não é científico necessariamente é uma crença cega. Dawkins acredita que as pessoas que conhecem bem a ciência tem uma tendência a abandonarem a religião. Quem entende a teoria da evolução necessariamente descarta o criacionismo e a fé religiosa.

Em uma atitude anti-científica Dawkins considera a evolução das espécies um fato(DAWKINS,2007,p.386) e a seleção natural o melhor mecanismo de explicação jamais visto, ou seja, “o maior guindaste de todos os tempos. Ela elevou a vida da simplicidade primeva a altitudes estonteantes de complexidade, beleza e aparente desígnio que hoje nos deslumbram.” (DAWKINS,2007,p.109)

A crença no poder da ciência que Dawkins nutre é tão mágica quanto a crença nos mitos das religiões primitivas. Cientistas como Dawkins são

autoritários curadores da verdade absoluta. São mascates de uma ideologia nociva conhecida como objetividade, uma noção que traveste seus preconceitos ideológicos para fazê-los parecer aceitavelmente desinteressados.(EAGLETON,2011,p.122)

Na realidade, mesmo dentro da ciência é necessário haver a crença de que se pode provar determinado acontecimento e de que uma teoria pode funcionar sempre, ou seja, a ciência funciona com uma boa parte de fé na possibilidade da prova científica. Já mostramos que David Hume já alertava para o fato de que a ciência é fortalecida pelo hábito e não pode nos oferecer certezas. Já dissemos também que para Karl Popper o que caracteriza a ciência é o fato de ser um conhecimento sempre provisório. O conhecimento científico só é científico se for refutável. Ciência nada mais é que um limitado empreendimento humano.

Quando lemos *Deus um delírio*, temos a impressão de que a ciência é um empreendimento puro e sempre benéfico para a humanidade. O único conhecimento responsável por todo e qualquer progresso humano. Mas Dawkins parece se esquecer de que hoje a ciência se tornou um “instrumento dócil das corporações transnacionais e do complexo militar industrial”(EAGLETON, 2011,p.125). A ciência é usada para avolumar o poder militar das nações. Não tem mais este caráter libertário e humanitário que os iluministas louvavam.

Em seu livro, Dawkins não faz ciência. Através de um razoado pseudocientífico e pseudofilosófico ele apregoa uma doutrina antiteísta intolerante e cínica. Arroga-se de ter nas mãos a solução de todos os problemas sociais que existem.

3.3.4 Progresso Científico e Progresso Humano

Dawkins pensa que a humanidade, se comparada aos tempos bíblicos, deu um salto moral muito grande em direção ao progresso. *Deus um delírio* é permeado pela ideia de que o progresso científico e o encolhimento da religião estão relacionados a um progresso moral humano. Dawkins diz que

O importante é que todos nós evoluímos, e bastante, desde os tempos bíblicos. A escravidão, que era aceita como uma coisa natural na Bíblia e ao longo da maior parte de nossa história, foi abolida nos países civilizados no século XIX. Todas as nações civilizadas hoje aceitam o que até os anos 1920 era amplamente negado, o fato de que o voto da mulher, numa eleição ou num júri, é igual ao do homem. Nas sociedades iluminadas de hoje (uma categoria que claramente não inclui, por exemplo, a Arábia Saudita), as mulheres já não são consideradas uma propriedade, como sem dúvida eram nos tempos bíblicos. Qualquer sistema legal moderno teria processado Abraão por maus-tratos contra crianças. E, se ele realmente tivesse executado seu plano de sacrificar Isaac, nós o teríamos condenado por homicídio qualificado. Mas, de acordo com a mores do tempo dele, sua conduta era totalmente admirável, obedecendo a um comando de Deus.

Religiosos ou não, todos nós mudamos de forma maciça em nossa atitude quanto ao que é certo e ao que é errado. (DAWKINS, 2007, p. 341)

Muito diferente do que Dawkins diz observamos dentro da sociedade uma selvageria muito maior que a caridade espontânea tanto de religiosos quanto de não religiosos. A nossa sociedade, científica e secularizada, foi o palco das duas grandes guerras e de inúmeros conflitos de grandes proporções. Grandes empresas exploram trabalhadores de forma sistemática. A indústria bélica nunca produziu armas tão poderosas e nunca se matou tanto quanto hoje.

Dawkins parece não notar que hoje

A racionalidade científica e a liberdade de investigação são utilizadas para produzir lucro comercial e armas de guerra. Um motivo vital que levou os Estados Unidos a declararem guerra sem trégua ao terrorismo foi garantir um fluxo ilimitado de lucros para um bom número de corporações. (EAGLETON,2011,p.71)

Pensar que o avanço científico necessariamente significa avanço moral é grande equívoco. Tal afirmação deriva da crença de que a ciência é o empreendimento humano sempre benéfico e revolucionário.

3.3.5 Moral Laica

Dawkins apregoa que não precisamos da religião e nem da crença em Deus para sermos bons. Para Dawkins a moral tem também uma origem darwinista, ou seja, os comportamentos altruístas que temos tem sua origem numa necessidade de sobrevivência da espécie.(DAWKINS,2007,p.288). Para Dawkins a natureza desenhou as noções de certo e errado em nossos cérebros.

Em sua noção caricata da religião Dawkins pensa que ela sempre promove nas pessoas uma crença de que há um policiamento moral. Na realidade não é desta forma que a religião funciona. Ela fornece referências para que as pessoas possam entender o que é a moral e o que fazer diante de uma situação que pede de

nós um ato moral. O movimento de referência moral dentro da religião vem da própria concepção de ser humano que ela trás.

Para Dawkins não devemos considerar Deus ou a religião uma referência moral. A moral deve ser totalmente desvinculada da religião. Não há motivos para nos tornarmos maus se ficar provado que Deus não exista. (DAWKINS,2007,p.301)

O que Dawkins parece não saber é que a religião não tem qualquer objetivo específico. A religião não foi feita para exercer o domínio sobre o comportamento moral das pessoas. Nem parte do princípio de que alguém precise se sentir ameaçado por Deus para exercer um comportamento social aceitável.(EAGLETON, 2011). A relação entre religião e moral é complexa. Ao mesmo tempo em que estrutura comportamentos morais a religião também sofre influencia deles.

Um projeto iluminista antigo é o da laicização da moral, ou seja, tirar toda e qualquer influência religiosa da moral humana. Fazer com que o homem possa, usando a sua própria racionalidade e a lógica, guiar seu comportamento em busca de uma sociedade sem violência. Este é o projeto da filosofia de Kant (KANT,2005). Dawkins concorda com esta ideia. Mas o que acontece é que na prática a moral nunca deixou de der motivações religiosas. (FERRY E GAUCHET, 2008,p.31).

Os direitos humanos tem raízes religiosas em seus ideais. O iluminismo tem suas raízes na tradição cristã. Em seus primórdios o cristianismo lutava em favor dos pobres e despossuídos e era anticolonial. (EAGLETON, 2011,p.57). O cristianismo era contrário ao uso da religião enquanto instrumento de poder político. Para os cristãos a religião era essencialmente a caridade. É o que podemos observar na seguinte passagem bíblica:

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mateus 25:35-40)

O cristianismo retira a religião do templo e a coloca no íntimo de cada pessoa. Nasce aí a ideia da liberdade religiosa. Podemos ver isso claramente na seguinte passagem do evangelho de João:

Jesus declarou: "Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade".(João 4:21-24)

O cristianismo era uma afronta à escravidão e um convite à luta contra a dominação política e religiosa. Isso pode ser visto no seguinte texto de Paulo:

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão. Ouçam bem o que eu, Paulo, lhes digo: Caso se deixem circuncidar, Cristo de nada lhes servirá. De novo declaro a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a cumprir toda a lei. Vocês, que procuram ser justificados pela lei, separaram-se de Cristo; caíram da graça. Pois é mediante o Espírito que nós aguardamos pela fé a justiça que é a nossa esperança.(Gálatas 5:1-5)

A tradição judaico-cristã tem, portanto, princípios de humanização. É um grande equívoco dos ateus e neoateus pensar que as ideias libertárias e anticlericais que defendem tem outra origem. O cristianismo tem em seu cerne ideias secularizante. Além de tirar a religião do templo o cristianismo ria da religião de outros povos. Os cristãos zombavam dos deuses do império romano. Para Vattimo tais ideias são a origem do niilismo e o ateísmo. O ateísmo é , portanto, a forma moderna de cristianismo. Para Vattimo ser cristão é ser niilista (RORTY e VATTIMO,2006).

Como já foi dito, em nossa sociedade há um estímulo ao individualismo. Vivemos numa sociedade extremamente cruel e que ignora o próximo necessitado. O único lugar onde ainda existe uma cultura que nada contra a maré neste sentido é a cultura religiosa. É na religião que as pessoas são estimuladas a praticar a sua solidariedade. Apesar de a religião ter perdido muito de sua autoridade, ela ainda é uma referência para a prática da caridade entre as pessoas.

O discurso neoateu é liberal extremista e criador de uma visão altamente pragmática e impiedosa da sociedade. As crenças religiosas, que para estas pessoas são vergonhosamente inúteis, são ainda aquilo que dá esperança a muitas pessoas.

O racionalista liberal médio não precisa crer que, apesar da condição atormentada da humanidade, deveria haver, por mais implausível que pareça, esperança, já que essa condição, para começar, não merece crédito. Esse é um motivo importante para explicar por que a conversa sobre Deus não faz sentido para eles, embora de forma alguma seja o motivo exclusivo. (EAGLETON,2011,p. 43)

Dawkins defende uma relação direta entre o ateísmo e a tendência para uma conduta mais ética. Ele pensa que por exigir um maior nível de instrução, o ateísmo faz com que as pessoas ponderem melhor os seus atos e por sejam mais éticos e pratiquem menos crimes. (DAWKINS ,2007, p. 298) Dawkins parece esquecer que o Stalinismo, o Nazismo, o Fascismo e o movimento revolucionário na China na década de 1940 foram movimentos ateístas e contrários à religião. Nem por isso foram movimentos que contaram com um respeito à vida humana. Foram simplesmente os momentos mais violentos de toda história humana.

Um argumento que poderia ser usado em favor da eliminação da religião enquanto referência moral seria a existência do fundamentalismo religioso. Tal fundamentalismo religioso é o motivador dos grupos terroristas que assombram a sociedade nos dias de hoje. Mas ao contrário do que Dawkins possa pensar, a violência dos grupos terroristas está longe de ser motivada por conflitos religiosos.

O estudioso americano Robert Pape analisou meticulosamente os ataques suicidas ocorridos entre 1980 e 2004 inclusive as atrocidades cometidas pela Al- Qaeda em 11 de setembro de 2001 e concluiu:
Os ataques de terroristas suicidas não são predominantemente motivados pela religião mas por um claro objetivo estratégico: compelir as democracias modernas a retirarem forças militares de regiões que os terroristas veem como sua pátria. Do Líbano ao Sri Lanka, da Chechênia à Caxemira e à Margem Ocidental, toda grande campanha terrorista-suicida – Mais de 95% de todos os incidentes – teve como principal objetivo coagir um estado democrático a retirar-se.(ARMSTRONG,2011, p.295)

3.3.6 Substituição da Mitologia e do Sagrado Religiosos por uma “Mitologia Científica”

Dawkins sugere em sua obra que os mitos religiosos sejam abandonados. Tais mitos são rebaixados ao nível de explicações frustradas sobre a origem da vida e das coisas. São entendidos como fábulas sem sentido. Mas quando Dawkins faz isso, cria uma espécie de “mitologia” científica propagando uma visão fantástica da ciência e do conhecimento científico.

Gregory Schrempp em seu livro *The Ancient Mythology in Modern Science* trabalha com a ideia que os grandes expoentes da divulgação científica como Carl Sagan, Steven Pinker, Daniel Dennett, Stephen Jay Gould e Richard Dawkins estão criando uma nova mitologia com a proposta de popularizar a ciência. Schrempp chama o que eles fazem de visão compensatória da divulgação científica. Esta visão compensatória é uma tentativa de continuação da religiosidade e de valores humanísticos. Nesta nova “mitologia” o universo é visto como digno de admiração e êxtase. (SCHREMPP,2012) Nós

ganhamos com essa nova “mitologia”: a *verdade*, que nos dá pelo menos algum tipo de verdade que é vista como superior às protociências ou a outras mitologias; a *maturidade*, que vai de encontro às ideias de alguns divulgadores científicos como Daniel Dennett que enxergam os mitos como algo infantil; um *cosmos a ser maravilhado*, como o próprio Dawkins entende, não há nada que se compare à magia da realidade; [...] *uma continuação da religiosidade e de valores humanísticos*, [...] *um parentesco cósmico*, em que os seres vivos conseguem ser projetados em seres inanimados, já que somos feitos quimicamente das mesmas substâncias. Há um sentimento de pertencimento ao universo como um todo. (MOREIRA,2014,p.369)

Um exemplo deste esvaziamento dos mitos é o que faz com o mito bíblico de Noé. Dawkins diz que se trata de uma história

derivada do mito babilônico de Uta-Napishtim e conhecida em mitologias mais antigas de várias culturas. A lenda dos animais entrando na arca aos pares é linda, mas a moral da história de Noé é assustadora. Deus condenou os seres humanos e resolveu (com a exceção de uma família) afogar todos eles, incluindo as crianças, e também, por via das dúvidas, o resto dos animais (presumivelmente inocentes). (DAWKINS, 2007,p. 306)

Depois disso Dawkins ridiculariza o mito bíblico de Noé enquanto explicação para a existência das espécies de animais que temos hoje. Defende a partir daí a evolução das espécies enquanto verdade absoluta frente a um simples mito bíblico. Faz esta defesa durante quase todo o texto de *Deus um Delírio*.

Dawkins exalta os processos naturais e vê uma beleza sublime neles. Ao mesmo tempo exalta a ciência enquanto caminho em direção a este grande mistério. Apesar disso não se considera religioso.

Assim, é da guerra da natureza, da fome e da morte, que deriva diretamente o mais exaltado objeto que somos capazes de conceber, a produção de animais superiores. Há grandeza nessa visão da vida, com seus tantos poderes tendo sido originalmente insuflados em algumas poucas formas ou em apenas uma; e de que, enquanto este planeta girava seguindo a lei imutável da gravidade, de um começo tão simples, infinitas formas, as mais belas e as mais maravilhosas, evoluíram e continuam evoluindo [...] Uma estudante americana me escreveu dizendo que tinha perguntado ao seu professor se ele tinha uma opinião sobre mim. "É claro", ele respondeu. "Ele tem certeza de que a ciência é incompatível com a religião, mas vive se extasiando com a natureza e com o universo. Para mim, isso é religião!" Mas será "religião" a palavra certa? Acho que não.
(DAWKINS,2007,p.35)

Usando como exemplo a filosofia de vida de Albert Einstein, Dawkins confessa textualmente a sua relação com o mistério sagrado quando diz em seu livro

Deixe-me resumir a religião einsteiniana em mais uma citação do próprio Einstein: "Ter a sensação de que por trás de tudo que pode ser vivido há alguma coisa que nossa mente não consegue captar, e cujas belezas e sublimidade só nos atingem indiretamente, na forma de um débil reflexo, isso é religiosidade. Nesse sentido, sou religioso". Nesse sentido também sou religioso, com a ressalva de que "não consegue captar" não necessariamente significa "para sempre incaptável". (DAWKINS,2007,p.43)

Em um outro livro, intitulado *A magia da realidade* Dawkins descreve este sentimento em relação aos mistérios do universo como sendo aquela sensação que temos quando

Fitamos as estrelas numa noite escura sem lua, longe das luzes da cidade, e, deslumbrados, dizemos que uma visão de 'pura magia'. Poderíamos usar essa mesma palavra para descrever um maravilhoso pôr do sol, uma paisagem dos Alpes ou um arco-íris no céu. Nesse sentido 'mágico significa profundamente comovente, estimulante, algo que nos deixa arrepiados e nos faz sentir plenamente vivos.(Dawkins, 2010, p.22)

Na doutrina de Dawkins a natureza e seus mistérios tomam o lugar do sagrado religioso. Para afirmar que a relação de Dawkins com a natureza é análoga com a relação de um religioso com o sagrado é necessário mencionar o trabalho de Rudolf Otto .

Rudolf Otto, importante teólogo alemão; criou o termo *Numinous* (numinoso), o qual exprime um conceito religioso e filosófico bastante utilizado ainda hoje nas mais diversas áreas que abordam o humano enquanto ser religioso. Otto publicou em 1917 *O Sagrado*, (*Das Heilige*), importante tratado teológico sobre aquilo que é vivido, dentro da experiência daquele que crê. Segundo Otto, a racionalização apesar de ser condição necessária da fé é insuficiente para tratar da divindade, que comporta elementos não racionais, inefáveis, segundo os místicos. Embora a ideia de Deus tenha se tornado exclusivamente racional, “sabe-se que todas as extravagâncias místicas não têm relação com a razão”, o que leva a “notar que a religião não se esgota em anunciados racionais” (OTTO, 1985, p. 9).

Dessa forma, Rudolf Otto entende o sagrado como o elemento não-racional da relação do homem com a divindade. O sagrado é condensado, saturado de significados, compreende algo que é inacessível à compreensão conceitual, sendo o elemento vivo em todas as religiões, o numinoso, capaz de provocar um sentimento de emoção religiosa profunda, o sentimento do *mysterium tremendum*, que traz à consciência daquele que o experimenta o sentimento de que é criatura.

O sagrado possui as características de divindade, mistério, majestade e bondade, desperta fascínio, respeito, reverência, atração, alegria, confiança e medo. O Sagrado provoca emoções fortes e contraditórias, atrai e repele, é divino e sublime, mas amedronta, causa pavor, de forma que o contato com o terror religioso “pode provocar estranhas excitações, alucinações e êxtase”, pode paralisar e levar ao silêncio, ou ainda, “expressar-se em formas selvagens e demoníacas de horror irracional” (OTTO, 1985, p. 18).

Quanto maior a experiência mística do transcendente, mais consciência do nada que é, e mais humilde se torna o místico (OTTO, 1985, p.18-32). A experiência Religiosa provoca no crente uma revisão de si mesmo, podendo levar a uma mudança radical em seu comportamento, como geralmente acontece no caso das experiências místicas.

O *mysterium*, o qualitativamente diferente de si mesmo, o totalmente outro, surpreende e paralisa. Está presente no mito das religiões primitivas, nos fenômenos estranhos, eventos e coisas da natureza, nos animais e na humanidade. A oposição do objeto numinoso, o outro, vai ao extremo no misticismo, pois o nada, assim como

o vazio e o vácuo budistas, é essencialmente o contrário e o oposto daquilo que é e pode ser (OTTO, 1985, p. 33).

Dentro da doutrina de Dawkins estão presentes os elementos que Otto menciona. Dawkins sente pelo cosmos o mesmo que um religioso sente pelo que considera sagrado. Sente por ele espanto e êxtase. No texto de *Deus um delírio* os seres humanos são convidados a refletirem sobre o significado da vida ao contemplarem os mistérios do cosmos. Ao pensarem a brevidade de suas existências os homens são convidados à veneração do universo. A ciência é vista como um caminho mágico para que possamos caminhar rumo a este mistério.

Podemos depreender do que foi exposto que Dawkins é tão religioso quanto aqueles que ele critica. Sua doutrina conta com uma tentativa de superação dos mitos religiosos por uma espécie de mitificação da ciência. Sua obra tem um teor missionário muito forte.

3.3.7 Militância Atéia e a Conversão ao Ateísmo

Como já foi dito, *Deus um delírio* é um convite à conversão e a militância atéia. Dawkins alega que juntos os ateus são fortes já que são mais numerosos do que se imagina. Ele defende um orgulho ateu já que

Não há nada de que se desculpar por ser ateu. Pelo contrário, é uma coisa da qual se deve ter orgulho, encarando o horizonte de cabeça erguida, já que o ateísmo quase sempre indica uma independência de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável. Existem muitos que sabem, no fundo do coração, que são ateus, mas não se atrevem a admitir isso para suas famílias e, em alguns casos, nem para si mesmos. Isso acontece, em parte, porque a própria palavra "ateu" frequentemente é usada como um rótulo terrível e assustador. (DAWKINS, 2007, p. 26)

Dawkins faz ainda, uma comparação com os gays e as conquistas que eles tiveram com sua mobilização.

O status dos ateus na América de hoje é equivalente ao dos homossexuais cinquenta anos atrás. Agora, depois do movimento do Orgulho Gay, é possível, embora não muito fácil, para um homossexual ser eleito para um cargo público. Uma pesquisa da Gallup realizada em 1999 perguntou aos

americanos se eles votariam em uma pessoa qualificada que fosse mulher (95% votariam), católica (94% votariam), judia (92%), negra (92%), mórmon (79%), homossexual (79%) ou ateia (49%). É evidente que há um longo caminho a percorrer. Mas os ateus são muito mais numerosos, especialmente entre a elite culta, do que muita gente imagina. (p.27)

Para Dawkins a mobilização dos ateus é necessária porque eles precisam de amparo para que sejam resguardados dos preconceitos que recaem sobre eles. Para Dawkins os ateus não tem que se acovardar e devem ajudar as pessoas que enxergam na religião algo errado mas ainda são religiosas. Aqueles que não são religiosos e nem ateus declarados, segundo Dawkins, precisam de orientação para que não caiam nas mãos da religião.

Dawkins está frequentemente presente em manifestações públicas que envolvem a religião. Ele esteve presente na visita do papa Bento XVI à Londres em 2006, onde discursou aos manifestantes e incitou as pessoas à prenderem o papa por acobertar crimes de pedofilia cometidos por padres.⁹

Assim como em todas as doutrinas religiosas, existem aqueles que quando convertidos dão seus depoimentos. Podemos ter acesso a alguns depoimentos de pessoas convertidas no site de Dawkins. Lá ele mantém um espaço para os convertidos ao ateísmo.

Um destes convertidos é um jovem chamado Christopher Backer. Ele conta com muita emoção em suas palavras o quanto foi importante o contato com Dawkins. As ideias ateístas de Dawkins foram essenciais para que ele pudesse se afastar da igreja evangélica batista onde foi criado. Sua conversão ao ateísmo foi também importante para que Christopher pudesse assumir sua homossexualidade. Ele diz que sua fé cristã foi substituída pelo fascínio pela complexidade da vida e à devastadoramente bela teoria de Darwin.

Dear Sir,
I scarcely have the words to express the fascination I have with the world around me after reading your books. Though I believe I have essentially been an atheist for a few years now, I did not start out that way, and I was not sure of my lack of faith until I read your books.
I was raised an evangelical, Southern-Baptist Christian, and stayed firm in that belief until around the age of 16 or 17. That is when I fully came to terms with and accepted my homosexuality, and I began to see the veil of religion being lifted away. It took a while; first, I convinced myself that Jesus loved me despite my homosexuality. After reading books that supported that viewpoint, the seed of doubting the Bible had firmly been planted in my

⁹ <http://www.bbc.co.uk/news/uk-11355258> acesso em 27/01/2014

head. After a few years of “finding myself” and a wide ranging college education, I had pretty much abandoned my faith, though I still harbored a desire to believe in something, which manifested itself in a fascination with astrology and the paranormal. This lay in the back of my mind until one day, a few months ago, in a fit of depression and needing answers, I decided to read *The God Delusion*.

Soon enough, I had finished that book and *The Blind Watchmaker*, and found myself halfway through *The Greatest Show on Earth*. Every bit of faith and superstition I harbored was now firmly in the past. That fleeting faith is now replaced with a fascination with the complexity of life and with Darwin’s devastatingly beautiful theory. I want to know all that I can about it, and I have a newfound respect for the enormous complexity of life around me. I find myself looking at every living thing and, rather than thanking a God for creating it, I stand in awe as I stare my (albeit distant) cousins square in the eye.

I also see the damage religion can do, more than I ever have before. At one time, I was a “coexist” kind of person, one who believed that all religious belief systems should be respected and honored. While I still support the right of my fellow *Homo sapiens* to believe what they will, I now clearly see the danger in affording religion a level of respect that we afford no other belief system, and I thank you for showing me that. I feel so enlightened and, indeed, I now shutter whenever I hear the term “Christian Child” or “Jewish Child” and so forth. I have taken the liberty of spreading this message to anyone of my family and friends who will hear it, even lending out my copies of your books for them to read, and I’m happy to say you may have a few more converts soon.

Thank you for being so fearless in getting your message out to the world. The work of you and your contemporaries makes me hopeful for a world where religion finally takes a backseat to reason and rationality. Keep up the good work, and I look ever forward to your next book.

Sincerely,

Christopher Barker

Savannah, GA, USA

(<https://richarddawkins.net/2013/01/converts-corner-converts-tue-jan-29-2013-1463/> acesso em 27/01/2015)

Outro depoimento é o de Michael Price, que diz que nunca foi religioso, mas seu contato com Dawkins fez com que ele não se sentisse sozinho em suas convicções e pudesse realmente cultivá-las sem culpa, apesar de seus familiares não se sentirem a vontade com elas.

I am fortunate that my early indoctrination wasn’t severe enough to stick. Or for whatever reason, my rationale and logic were solid enough to prevail. I honestly cannot recall when I officially rejected religion and spirituality, but from what I do recall it was a slow and gradual process. I never had to grapple with myself over my religious disillusion. After hearing how many struggle with coming-to-terms with their own mind, I am grateful for that. Once I examined the evidence against religion, the savage hypocrisy of the Bible, and the sickening intolerance of its followers (many at least), the choice to move away from Christian religion was a no-brainer. I searched through source after source for the religion that would fit me just right. Some were close, but none were exactly what I was looking for. That’s when non-religion presented itself to me. I came across the word “Agnostic” and for the first time the whole package clicked! I believe I was in my late-teens when this milestone occurred. As my journey through non-religion continued, I

became less and less convinced that there is any sort of God. Today, I am an Atheist.

I have not yet let my family know of my secular viewpoint. My Great Grandfather, and Grandfather were both pastors and my Mother is deeply religious. I fear that if she knew, her own worry and grief would take years off her life. To many of my friends (particularly my science-minded friends) I have had no qualms about telling them my viewpoint. I spent the previous summer in a biological research internship at a top college in America. Being surrounded by so many highly intelligent, logical people, with a similar viewpoint was refreshing and I soon came to realize that my viewpoint wasn't alone. There are others! My "Eureka!" moment wasn't about coming to grips with non-religion, my moment was the realization that I am not alone.

Michael Price (<https://richarddawkins.net/2015/01/michael-price-converts-2115/> acesso em 27/01/2015)

O que parece é que os convertidos são pessoas que tem dificuldades com a concepção de religião e do Deus moderno. Veem a religião como um entrave para a felicidade. Acreditam em um Deus tirano e opressor. Para estas pessoas Dawkins pode ser visto como um profeta. Uma espécie de Messias. Um indivíduo que possibilitou a passagem delas para a felicidade.

Mas o ateísmo que Dawkins propaga não faz menção aos desastres que provocou. Nem tem ideia de que tipo de sociedade que pode formar; É uma defesa irresponsável, já que não faz jus aos massacres que foram feitos quando o ateísmo se tornou religião de estado na China, na União Soviética. O ateísmo não é uma grandeza hermeneuticamente neutra. Já foram provadas as consequências devastadoras que um estado ateu pode promover. O que Dawkins está fazendo é uma manipulação ideológica que tenta vender um ateísmo puro, humanitário e salvador .

O trabalho missionário de Dawkins pode criar fanáticos muito piores do que os que são criticados por ele. Isso é possível porque sua doutrina dá margem a uma interpretação que promova a intolerância religiosa. É preciso que as pessoas percebam o perigo que existe em uma doutrina como esta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de um significado para a vida remonta a antiguidade. Há muito tempo pensadores investigam o mistério da existência. Para que pudesse produzir sentido para a vida o ser humano criou os mitos. Posteriormente surgiu aquilo que chamamos hoje de religião. Depois disso surge a filosofia com um novo olhar sobre o mundo que procurava dentro do próprio mundo o princípio de todas as coisas.

O ateísmo, a crença na inexistência de Deus ou deuses, parece ser consequência de diversos fatores, ou seja, não há exatamente um fundador e nem é possível datar exatamente o seu surgimento. Um destes fatores foi certamente a forma de pensar já gestada entre os primeiros filósofos. Estes filósofos procuravam dentro da realidade o princípio constitutivo da própria realidade denominado *arché*. Tal olhar privilegiava a argumentação fundamentada em evidências e não mais na autoridade dos mitos.

No século XVIII há um predomínio do racionalismo na Europa e uma crença forte de que a razão era o principal instrumento para que o ser humano pudesse enfrentar os problemas que o rodeavam. Há também um entusiasmo pelas novas descobertas e uma crença no ideal de progresso da humanidade por meio da razão científica. Podemos falar do ateísmo organizado enquanto uma doutrina somente a partir do século XVIII. Neste momento surge a cristalização do ateísmo enquanto sistema de ideias. O principal pensador responsável pela sistematização do ateísmo foi o barão de Holbach. Ele compôs um empirismo e um materialismo ateu absoluto.

Mais tarde Comte vai desenvolver uma filosofia com base na realidade, certeza, precisão e organização. A filosofia de Comte é marcada pelo culto à ciência e pela sacralização do método científico.

Charles Darwin com sua teoria da evolução das espécies forneceu uma possibilidade de compreensão da harmonia da natureza sem a necessidade de Deus, mesmo não tendo qualquer intenção explícita de defender uma postura antiteológica.

Dentro da modernidade, a religião passa a sofrer uma perda da autoridade que tinha. Ela passa a não mais ser vista como a única fornecedora de sentido para

a vida humana. O ateísmo passa a se firmar enquanto uma possibilidade de sentido para a vida.

Recentemente surgiu um movimento ateuista militante denominado Neoateísmo. O Neoateísmo tem influência dos pensadores supracitados. Tal movimento se tornou proeminente e além de beber das fontes dos ateístas anteriores tem como característica o uso de uma linguagem publicitária. Os Neoateístas acreditam que a religião é em si um veneno para a humanidade. Assim como os fundamentalistas cristãos, os Neoateus pensam que só existe um caminho para o conhecimento da verdade. O método científico. Para eles tudo aquilo que não é científico necessariamente é uma crença cega. Não merece atenção. Eles veem a religião como prática cultural perniciosa e ultrapassada e os mitos religiosos como explicações protocientíficas frustradas. Fazem uma leitura literal da Bíblia ignorando a tradicional interpretação alegórica que os religiosos fazem há muito tempo.

O neoteu mais proeminente é Richard Dawkins, biólogo britânico. Famoso por sua militância em favor do ateísmo e por seu discurso estridente contra toda e qualquer forma de religião. O livro no qual Dawkins cristalizou a sua intenção de sistematizar uma doutrina ateuista foi *Deus um delírio*, publicado em 2006. Tal livro foi muito bem vendido e sobre ele foram feitas inúmeras críticas.

A intenção do livro *Deus um delírio* é converter seus leitores ao ateísmo. Para isso tenta convencer seus leitores de que ser ateu é uma opção realista, corajosa, esplêndida e digna de orgulho. Propaga a ideia de que as explicações naturalistas, principalmente a teoria darwinista melhoram a nossa compreensão do cosmos e são bem superiores às explicações místicas e religiosas. Defende a ideia de que rotular e inculcar a religião nas crianças é algo abusivo por parte de seus pais. Dawkins insiste bastante, em seu texto, na ideia de que as religiões tem um caráter pernicioso e não merecem o respeito que tem.

Deus um delírio traz uma proposta de sentido para a vida. Ao criticar a religião e a crença em Deus, Dawkins aponta caminhos para a vida feliz. Propaga um ethos ateuista. Um dos pontos marcantes deste ethos ateuista é o hedonismo. Dawkins pensa que o ideal de vida humana feliz é essencialmente o gozo dos prazeres que ela pode oferecer. A sexualidade tem que estar disponível a todos e deve ser aproveitada. A vida é breve e sem importância. A morte significa o fim

inexorável da existência individual. Além de procurar o prazer, devemos evitar o sofrimento e a dor. A eutanásia é extremamente recomendável.

Outro ponto importante é a intolerância aos religiosos. O livro de Dawkins ridiculariza o olhar religioso sobre a realidade. Para ele todas as religiões representam olhares que não tem sustentação. Só a ciência pode dar conhecimento verdadeiro. A teologia é vista como um conhecimento inútil.

A ciência é vista como o único conhecimento que tem valor. Dawkins pensa que tem entendimento de postulados científicos, como a teoria da evolução, abandona suas crenças religiosas. Ele nutre uma crença mágica no poder do conhecimento científico.

Outro ponto importante é a crença na evolução humana por meio do progresso científico. Existe no texto de Dawkins a ideia de que a produção de conhecimento científico significa necessariamente uma melhoria na vida humana como um todo.

Deus um delírio está permeado pela ideia de que a moral deve ser desvinculada da religião. Dawkins acredita que não precisamos da religião e nem da crença em Deus para sermos bons. Ele pensa que a religião não contribui para o crescimento moral humano.

No ethos ateu propagado pelo texto de *Deus um delírio* existe um esvaziamento dos mitos religiosos e ao mesmo tempo a pregação de uma visão mitológica da ciência e do cosmos.

Outro traço característico da doutrina de Dawkins é o fato de estimular uma relação de êxtase e admiração pela natureza e seus mistérios. Esta admiração é proposta como um substituto da relação com o sagrado proposta por outras religiões.

Dawkins é um ardente defensor da militância ateu e a conversão das pessoas ao ateísmo. Para ele existem muitos ateus que não declaram que são ateus. Portanto estas pessoas precisam se declararem ateus para que outros se sintam à vontade para também fazê-lo.

Podemos notar que a defesa que Dawkins faz do ateísmo é extremamente ingênua. Dawkins quer propagar o ateísmo heroico. Um ateísmo que é fruto de uma evolução moral humana e totalmente isento da culpa pelos crimes contra humanidade. Isto é certamente um grande equívoco. Basta lembrarmos que quando o ateísmo se tornou uma religião de estado permitiu um nível imenso de crueldade. São casos exemplares a Rússia de Stálin e a China de Mao Tsé-Tung.

A doutrina de Dawkins enquanto produtora de sentido para a vida é extremamente perigosa. Ao reduzir Deus a uma hipótese científica frustrada acaba por promover um hedonismo irresponsável. Ao propagar a ideia de que a vida se limita ao tempo da existência individual, acaba mergulhando as pessoas em um vazio existencial. Num niilismo desesperado. Ao ridicularizar a religião e promover a ideia de que ela deve ser apagada, acaba por promover a intolerância e a negação do direito ao livre pensamento. Além disso, acaba por promover uma ditadura do saber técnico-científico.

A doutrina de Dawkins tem pouco a oferecer aos que sofrem. Aos doentes e esfarrapados do mundo. Não oferece significado para nossas lutas diárias. Nela não há estímulo consistente para a solidarização com o sofrimento dos semelhantes. Mesmo com o esvaziamento simbólico que vem ocorrendo dentro da religião, ela ainda tem muito mais a oferecer em termos de doação de sentido do que a doutrina de Richard Dawkins.

REFERÊNCIAS

- ACQUAVIVA, Sabino. *El Eclipse de lo sagrado en la civilización industrial*. Bilbao: Mensajero.1972.
- ADORNO, Theodor.Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- ANSELMO, Santo, Arcebispo de Cantuária, 1033-1109. *Proslógio*. Tradução de Ângelo Ricci. 2. ed. – São Paulo; Abril Cultural, 1979.
- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. SãoPaulo: Loyola, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia uma biografia*.Rio de Janeiro :Zahar.2007.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Defesa de Deus, o que a religião realmente significa*. São Paulo Companhia das letras. 2011
- AYER,Alfred Jules.*As ideias de Bertrand Russell*.São Paulo: Cultrix.1972
- BAGGINI, Julian. *Atheism, a very short introduction*. Oxford Press.2003
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In:BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva:política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP,1997.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 6.impr.São Paulo: Paulinas,2006.(Coord.: Gilberto da G.Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson)
- BERGER,Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcelos.São Paulo: Paulinas,1985.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia de la Ilustracion*. México : Fondo de Cultura Economica, 1963.
- COMTE,Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores)
- CRAWFORD, Robert. *O que é religião?*Petrópolis: Vozes,2002
- DARWIN, Charles. A origem das espécies. São Paulo, Itatiaia/Edusp: 1985
- _____. *A origem das espécies esboço de 1842*. Rio de Janeiro:Newton. 1996
- _____. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. São Paulo: abril cultural.1971.
- DAWKINS,Richard.*Desvendando o Arco-íris*. São Paulo: Companhia das Letras.2000.
- _____.*Deus um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras.2007.

_____. Gene egoísta - 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

DENNETT, Daniel. *Darwin's Dangerous Idea: Evolution and the Meanings of Life*. New York: Simon & Schuster, 1996.

EAGLETON, Terry. *O Debate sobre Deus, Razão, fé e revolução*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009

ELDREDGE,N.;TATTERSALL.I. Os mitos da evolução humana. Rio de Janeiro: J.Zahar.1984

EPICURO. Antologia de textos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

FERRY,Luc;GAUCHET,Marcel. *Depois da Religião, o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?*. Rio de Janeiro:Diefel.2008.

FORTES,Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os Reis Filósofos*. São Paulo: Brasiliense,1981.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC,1989.

HOLBACH, Barão de. Sistema da natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUME, David. Diálogos sobre a Religião Natural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Investigação sobre o entendimento humano. Editora Escala, 2003

KANT,Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos*. Tradução: Leopoldo Holzbach. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005.

LECOMPTE, Denis. *Do ateísmo ao retorno da religião: sempre Deus?* São Paulo: Loyola, 2000.

LENTIN,Jean-Pierre.*Penso, logo me engano*,breve história do besteiro científico.São Paulo:Ática.1997.

MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à filosofia*. Rio de Janeiro: Agir.1989

MCGRATH,Alistar. *The twilight of Atheism: The Rise and Fall of Disbelief in the Modern World*. New York: Doubleday, 2004

MOORE, Gareth. *Believing in God*,T&T Clark, 1988.

MOREIRA, Leonardo Vasconcelos de Castro. A Instrumentação dos Mitos: O Uso das Narrativas Míticas na Divulgação Científica de Richard Dawkins. Fábio Freitas et al (orgs.). *Anais do III Encontro Nacional de Pós-Graduandos em História das ciências ENAPEHC 2013*. Mariana: UFOP / UFMG, 2014.

NEUSCH, Marcel. Ateísmo. In: POUPARD, Paul (Orgs.) *Diccionario de las Religiones*. Barcelona: Editorial.Herder.1987

NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada da Filosofia*,das origens à idade moderna.São Paulo: Globo.2005.

- NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Idade trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70, 2002
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- PAINE, Scoot Randall. Fundamentalismo ateu contra Fundamentalismo religioso. *Horizonte*, V8, n. 18, p 9-26, jul/set. 2010.
- POOPER, Karl. *Conjecturas e refutações*. Brasília-DF. UNB. 1972
- RORTY, Richard, VATTIMO, Gianni e ZABALA, Santiago (org). *O Futuro da Religião: solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- RUSSELL, Bertrand. *Ensaio Céticos*. Porto Alegre: L&PM. 2014.
- RUSSELL, Bertrand. *Porque Não Sou Cristão. 1ª Ed. Editora: L&PM, Porto Alegre. 2008.*
- SÁ, Laís Mourão. O Desafio da complexidade na crise dos paradigmas, religando o humano a suas raízes cósmicas e terrestres, *Fragmentos de Cultura*. V.13 n. 1 Jan/Fev 2003.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHREMPP, Gregory Allen. *The Ancient Mythology in Modern Science: a mythologist looks (seriously) at popular science writing*. Quebec. McGill-Queen's University Press. 2012.
- SOUSA, J. Cavalcante de. *Pré- Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores)
- VIANA, Nildo. Darwin e a competição na comunidade científica. *Fragmentos de Cultura* v.13 n.1 p 77-98 Jan/Fev 2003
- WEBER, MAX. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- WILKINSON, Michael; CAMPBELL, Hugh. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas. 2014
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In FORTUNA, Carlos (org.) *Cidade cultura e urbanização*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- ZUBIRI, Xavier. O Problema teológico do homem, in OLIVEIRA, Manfredo e ALMEIDA, Custódio. *Deus dos Filósofos modernos, Vozes, Petrópolis, RJ: 2002.*